



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Ciências da Educação

CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA



PRISCILA FERREIRA

BIBLIOTECA PÚBLICA COMO ESPAÇO DE SEGURANÇA

Florianópolis/SC

2014

PRISCILA FERREIRA

BIBLIOTECA PÚBLICA COMO ESPAÇO DE SEGURANÇA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina CIN5052 – Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para aprovação na disciplina, sob orientação da professora Mestra Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da Silva.

Florianópolis/SC

2014

Ficha Catalográfica elaborada por Priscila Ferreira

F383b

Ferreira, Priscila

Biblioteca pública como espaço de segurança / Priscila Ferreira. Florianópolis, 2014.

63 f.

Orientadora: Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, 2014.

1. Segurança. 2. Bem-estar. 3. Bibliotecas públicas. I. Título.

Esta obra é licenciada por uma licença Creative Commons de atribuição, de uso não comercial e de compartilhamento pela mesma licença 2.5.



Você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra;
- criar obras derivadas.

Sob as seguintes condições:

- Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original.
- Uso não-comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.
- Compartilhamento pela mesma licença. Se você alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta, somente poderá distribuir a obra resultante com uma licença idêntica a esta.


Acadêmica: Priscila Ferreira

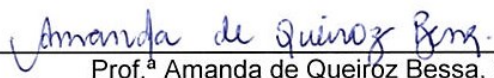
Título: Biblioteca pública como espaço de segurança


Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Biblioteconomia, do Centro de Ciências
da Educação da Universidade Federal de
Santa Catarina, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Biblioteconomia, aprovado com nota
10,0.

Florianópolis/SC, 24 de Novembro de 2014.

Banca Examinadora:


Prof.ª Ana-Claudia Perpétuo de Oliveira da Silva, Me.ª
Professora Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina


Prof.ª Amanda de Queiroz Bessa, Me.ª.
Membro da Banca Examinadora
Universidade Federal do Amazonas


Evandro Jair Duarte, Esp.
Membro da Banca Examinadora
Fundação Catarinense de Cultura

RESUMO

FERREIRA, Priscila. **Biblioteca pública como espaço de segurança**. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

A presente pesquisa objetiva investigar relações possíveis das bibliotecas públicas como promotoras de segurança. Com uma abordagem qualitativa, a partir da seleção de oito relatos coletados na internet, realiza uma investigação destes documentos utilizando a análise de conteúdo e traça algumas reflexões relacionando as bibliotecas públicas com a ideia de segurança. Esclarece o sentido de segurança dado ao trabalho, que se relaciona com o sentimento de estar protegido, de bem-estar. Constata, a partir desta pesquisa, que por meio de relatos de histórias de vida, a biblioteca pública apresenta relevância na vida desses entrevistados, que através desta obtiveram êxitos profissionais e, principalmente, pessoais, sendo este espaço identificado como um ambiente de segurança.

Palavras-chaves: Segurança. Bem-estar. Bibliotecas públicas.

ABSTRACT

FERREIRA, Priscila. **Biblioteca pública como espaço de segurança**. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

This research aims to investigate possible relationships of public libraries as promoters of security. With a qualitative approach, from the selection of eight reports collected on the Internet, carries out an investigation of these documents using content analysis and outlines some reflections relating the public libraries with the idea of security. Clarifies the sense of security given to the work, which is related to the feeling of being protected, of well-being. Notes from this research, which by accounts of life stories, the public library has relevance in the lives of respondents, that through this achieved professional success and, above all, personal, and this space identified as a security environment.

Keywords: Security. Welfare. Public libraries.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	BIBLIOTECAS: ESPAÇO DE SEGURANÇA	11
2.1	Bibliotecas	11
2.2	Biblioteca pública	13
2.3	Segurança: relações com a biblioteca	14
3	CONSTRUCIONISMO SOCIAL E A INTERDEPENDÊNCIA ENTRE OS INDIVÍDUOS.....	16
4	HISTÓRIAS DE VIDA E A ANÁLISE DE CONTEÚDO	19
4.1	Histórias de vida	19
4.2	Análise de conteúdo	19
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	21
5.1	Pesquisa qualitativa	21
5.2	Seleção de documentos	21
5.3	TRATAMENTO DOS DOCUMENTOS SELECIONADOS.....	23
6	ANÁLISE DOS DOCUMENTOS SELECIONADOS	25
6.1	Categoria I – Bem-estar.....	25
6.2	Categoria II – Relacionamentos.....	29
6.3	Categoria III – Superação de dificuldades	31
6.4	Categoria IV – Garantia de acesso público.....	32
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
	REFERÊNCIAS.....	38
	ANEXO A – ALÉM DOS LIVROS: AS MÚLTIPLAS FUNÇÕES DE UMA BIBLIOTECA PÚBLICA.....	41
	ANEXO B – BIBLIOTECA PÚBLICA DE NITERÓI SE FIRMA COMO LOCAL DE LAZER	48
	ANEXO C – UM REFÚGIO EM MEIO A LIVROS.....	51
	ANEXO D – BIBLIOTECA, DOCE LAR	54
	ANEXO E – CARANDIRU, DA EXCLUSÃO PARA A INCLUSÃO SOCIAL.....	56
	ANEXO F – CULTURA ANÔNIMA	58
	ANEXO G – MORADOR DE RUA PASSA EM CONCURSO PÚBLICO.....	60

1 INTRODUÇÃO

No mundo caracterizado como globalizado, as fronteiras se demonstram invisíveis e as diferenças entre as pessoas se tornam maiores. Mundos de rápidas transformações deixam em nós seres humanos à frente de uma quantidade imensa de informações, que mudam nossas vidas.

Essas mudanças estão por toda a parte e somos diariamente ameaçados por outras tantas. As crises socioeconômicas atingem o mundo como um todo, atropelando quem está pelo caminho, especialmente os mais vulneráveis. Mundo apressado que desconfia dos humanos e dá mais valor aos seres inanimados, estamos vivendo no mundo de valores trocados.

Neste caos humano, de frias expressões e dores repentinas, assistimos cada vez mais deslumbrados à simplicidade de gestos e afetos, que nos humanizam novamente.

Muitos em busca de sentir-se bem e refugiados deste ambiente de insegurança, encontram lugares especiais que ainda permitem à chama humana, iluminar aos seus: igrejas, clubes, bosques, escolas e... Bibliotecas!

Quando ouvimos a palavra biblioteca, alguns de nós expressamos percepções que se relacionam com espaços serenos, confortáveis, de bem-estar, que trazem à tona a questão da segurança.

Em minha vivência pessoal, esses ambientes representaram e representam ambiente de relaxamento, de encontro com amigos, de namoro, de estudo e, muitas vezes para nenhum objetivo específico, apenas ficar. A biblioteca só me foi apresentada aos 11 anos, mas, desde então, sempre fez e faz parte da minha vida. Bons e maus momentos me acompanharam nesses espaços, por vezes, “espacinhos”, mas que foram sempre muito significativos.

Este espaço, este ambiente de bem-estar, de convivência, de satisfação, ainda, proporcionado pelas bibliotecas, é infelizmente ainda pouco explorado teoricamente no Brasil.

Fato que no Brasil, quando falamos em biblioteca, outra infeliz realidade se apresenta: são poucas cidades que atualmente podem contar com bibliotecas públicas que estão próximas de toda população. Apesar de sua existência legítima e validar sua contribuição na formação do indivíduo e garantir sua presença na sociedade brasileira, não está presente em todos os municípios, a maioria está

localizada em regiões centrais e, por vezes, os horários não são compatíveis com a agenda do cidadão trabalhador. E não são raros aqueles governantes que a veem a biblioteca como uma entidade que gera gastos desnecessários aos cofres públicos e não gera lucro.

O resgate da função e utilidade da biblioteca, dos livros e do conhecimento, é urgente em um país como o Brasil, pois não basta somente uma nação letrada para criar reflexão e instigar o conflito de ideias, é necessário expor a variedade de opiniões, propiciar o ambiente de troca de ideias, para que o indivíduo se identifique com a biblioteca e a partir dela comece a compreender seu mundo, e seu lugar nele.

Para que esse indivíduo se encontre em uma biblioteca, especialmente na biblioteca pública, é preciso que ela dialogue simples e diretamente com esse cidadão. A biblioteca deve representar a qualquer indivíduo que adentre em seu espaço um elo possível e convidativo ao conhecimento. De que serve uma biblioteca representada como um depósito de livros, sem que as pessoas façam o uso adequado dela?

O espaço da biblioteca necessita ser íntimo da sua comunidade, que expresse seu contexto de forma legítima, dando significado da sua existência naquele lugar, e não uma construção pública para cumprir uma determinação legislativa qualquer.

A importância da biblioteca acerca do que já foi mencionado é indiscutível, porém, a utilização do seu espaço e serviço para fins como: abrigar andarilhos e moradores de rua ou pessoas que desejam estar incluídas é reconhecido? Será que temos na literatura nacional referências sobre esse assunto, que ainda demonstra não ser discutido?

Diante dessas indagações, esta pesquisa tem por objetivo geral investigar as relações possíveis das bibliotecas públicas como promotoras de segurança. Para tanto, elaborou-se como objetivos específicos:

- a) Selecionar documentos com relatos de usuários de bibliotecas públicas que atribuem a esses espaços o valor de segurança;
- b) destacar a relevância das bibliotecas públicas;
- c) evidenciar as características destes espaços que são relacionadas com segurança nos documentos selecionados;
- d) refletir sobre o sentido de segurança para o estudo e sua relação com as bibliotecas públicas.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) esboça uma fundamentação conceitual abordando os seguintes temas: bibliotecas, bibliotecas públicas, o conceito de segurança e a relação das bibliotecas com esse conceito. Como fundamentação teórica, o trabalho utiliza o construcionismo social que teve como fonte básica a obra “A construção social da realidade”, dos autores Berger e Luckmann (2003) e a ideia de interdependência entre as pessoas, baseada nos estudos de Norbert Elias (1993), através do livro “A sociedade dos indivíduos”. Como fundamentação metodológica figura a análise de conteúdo, baseado no texto de Lawrence Bardin (2004). Foram selecionados oito relatos de histórias de vida de usuários de bibliotecas públicas que abordavam o contexto de interesse para o estudo, obtidos através de busca na internet, para a aplicação de técnicas e, posterior, análise e reflexão. Nas considerações finais são apresentados os resultados obtidos e os principais apontamentos levantados com a pesquisa.

2 BIBLIOTECAS: ESPAÇO DE SEGURANÇA

A presente pesquisa procura resgatar as percepções dos usuários de bibliotecas públicas em relação ao espaço dessas bibliotecas como sendo um ambiente seguro.

Serão apresentados, primeiramente, nesta revisão de literatura os conceitos de bibliotecas, especialmente as bibliotecas públicas, e o termo segurança empregado nesta pesquisa.

2.1 Bibliotecas

Desde o início da civilização humana, especialmente após a invenção da escrita, que por meio de diversos suportes, a informação vem sendo registrada e armazenada em locais que hoje conhecemos e denominamos como bibliotecas.

As origens das bibliotecas tiveram diferentes concepções e de acordo com Barreto, Paradella e Assis (2008, p. 28)

Cada uma refletia o tipo de sociedade de determinada época, com um discurso de incentivo, ou não, à leitura e ao acesso à informação. Até o início do século XIX, o modelo de biblioteca atendia à ideia de arquivo-museu, lugar de memória e depósito do patrimônio bibliográfico. Esse modelo viera a ser substituído por outro, a partir da segunda metade do século, que acreditava no efeito moralizador e educativo dos textos de leitura sobre a população. Após a segunda metade do século XX, a biblioteca passou a ser considerado um centro cultural e de informação, inclusive sendo ao seu acervo anexados os novos suportes informacionais – vídeos, discos, jornais etc. – e posteriormente as TICs. Como centro de cultura, suas atividades priorizam apresentações musicais, exposições, debates etc. Posteriormente, começa a ideia de uma biblioteca voltada à comunidade e para seu acesso à informação.

A palavra biblioteca no dicionário Aurélio é descrita como sendo uma “Coleção pública ou privada de livros e documentos congêneres, para estudo, leitura e consulta. Edifício onde ela se instala. Móvel onde se guardam e/ou ordenam livros” (FERREIRA, 2004, p. 175). Porém, mais que um depósito de livros, hoje se tem um entendimento que a biblioteca é uma instituição com a finalidade de reunir e proporcionar o “acesso aos registros do conhecimento e das ideias do ser humano” através das mais variadas expressões criadoras (BIBLIOTECA PÚBLICA, 2010, p. 17).

As bibliotecas atualmente são classificadas de acordo com as funções que desempenham, com a caracterização do usuário atendido e seu nível de

especialização, podem ser identificadas como sendo dos tipos: nacionais, universitárias, públicas, comunitárias, especializadas, particulares e as escolares (BIBLIOTECA PÚBLICA, 2010).

Para Fonseca (2007) de todas as categorias citadas a mais importante é a biblioteca do tipo pública, pois mais que atender seus objetivos peculiares, essa pode complementar as atribuições das demais categorias e até, com serviços adequados, substituir algumas delas, como é o caso da infantil e a escolar. Pois, por não restringir seu espaço aos “usuários-escolares”, possibilita acesso a todos que dela precisar.

A ação social é atividade essencial da biblioteca, Milanesi (1986, p. 254) enfatiza que “a biblioteca pode e deve atuar no sentido de ampliar a dimensão do ato de ler, permitindo que ele reverbere, dando uma determinada dimensão à vida”, assim a unidade vai além de seu propósito, não se restringindo ao ambiente em que se está inserida.

A percepção do ambiente da biblioteca permite ao usuário reflexão sobre si mesmo, sua vida em sociedade e no mundo. Pois o mundo dos livros tem a capacidade de ultrapassar as fronteiras do imaginário e fazer com que o leitor encontre nesse ambiente um mundo de possibilidades.

Muitos dos frequentadores de bibliotecas percebem nesse ambiente, mais que um espaço físico, um

símbolo de uma ordem cósmica ou social ou como forma visível da razão humana, as bibliotecas são lugares que guardam histórias e despertam o fascínio e o encantamento. Lugares onde tais elementos se transmutam, perturbando e excitando fantasias, irmanando o sonho com a ação, além de provocarem medo e instigarem reações (SILVEIRA, 2012, p. 152).

Constata-se que a maioria dos frequentadores de bibliotecas são pessoas que não vão à biblioteca apenas por precisarem de informação, elas também vão à biblioteca para

satisfazer a uma carência específica de dados, mas em função de uma necessidade que transcende o objetivo de uma busca de informação: o gostar, o prazer. Neste aspecto, o espaço é importante e a função é fundamental (MILANESI, 1986, p. 230-231).

Os funcionários da biblioteca pública necessitam perceber que a relação com o público está acima da necessidade informacional, é preciso ter um relacionamento próximo, mais humano (MILANESI, 1986), pois a biblioteca é local onde também se busca lazer e entretenimento.

Essa reflexão traz aos usuários maior proximidade com seu eu e, especialmente, com o mundo dos outros, o mundo convívio harmoniosamente, permite que o indivíduo se desenvolva e se torne mais solidário com as diferenças.

A biblioteca é instituição muito importante em nossa sociedade, pois amplia o acesso à informação e, conseqüentemente, o leque de oportunidades a cada indivíduo, elas merecem valorização e reconhecimento.

As bibliotecas públicas apresentam “função educadora e formadora”, auxiliam como “instrumento de transformação social”, e potencializam o “acesso à informação e à leitura”, apoiam o “desenvolvimento do pensamento crítico e a construção de novos conhecimentos” (MACHADO, 2008, p. 63).

A seguir serão expostos os conceitos atribuídos às bibliotecas públicas, bibliotecas que devem privilegiar o acesso à informação e atendimento igualitário aos usuários.

2.2 Biblioteca pública

A biblioteca pública, de acordo com o Manifesto da IFLA/UNESCO (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E INSTITUIÇÃO, 1994, p. 1) “é o centro local de informação, tornando prontamente acessíveis aos seus utilizadores o conhecimento e a informação de todos os gêneros”, seus serviços devem ser oferecidos igualitariamente, sem nenhuma distinção de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua ou condição social.

Entende-se a biblioteca pública, como um espaço verdadeiramente público, ela propicia a igualdade e inclusão social, por meio do acesso democrático à informação e à cultura.

A biblioteca pública deverá ser gratuita e de responsabilidade de autoridades locais e nacionais, além de apresentar legislação específica e ser financiada pelo governo (BIBLIOTECA PÚBLICA, 2010).

As bibliotecas públicas devem oportunizar acesso a qualquer pessoa, sem exigir requisitos restritivos que possam afastar pessoas. O espaço da biblioteca deve estar aberto a quem dela quiser fazer uso.

Não possui fins lucrativos, geralmente a biblioteca pública está vinculada a algum órgão público, municipal, estadual ou federal. Seu maior objetivo é atender a comunidade como um todo. Por isso a comunidade local deve participar do

planejamento e atividades da biblioteca, para que esta seja vista como um órgão ativo, aberto à comunidade de origem, fazendo sentido para sua existência naquela localidade.

2.3 Segurança: relações com a biblioteca

A pouca referência na literatura brasileira sobre segurança em bibliotecas pode ser constatada nesta pesquisa. Nos resultados resgatados decorrente de pesquisa bibliográfica, geralmente a relação faz menção à segurança quanto à estrutura física da biblioteca. Neste estudo, a questão “segurança” está apoiada em ideias como qualidade de vida, bem-estar, proteção, na percepção de pessoas que se servem da biblioteca pública.

O termo segurança, para Ferreira (2008, p. 730), pode ser descrito como o “ato ou efeito de segurar (se), ou o estado, qualidade ou condição de seguro, e confiança em si mesmo” e quanto ao termo seguro, este se refere como sendo “livre de perigo ou de risco”.

Alguns profissionais, tais como “psicólogos, médicos, assistentes sociais usam segurança para designar não só ausência de ansiedades específicas, mas também sensação generalizada de bem-estar” (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 1986, p. 1104).

Para Vandebos (2010, p. 829) segurança está ligada à “sensação de proteção, confiança, libertação da apreensão”.

Já para Houaiss, Villar e Franco (2003, p. 610) segurança pode ser:

confiança, convicção, crença, firmeza, como antônimo de ceticismo, dúvida, incerteza, insegurança; e estabilidade: firmeza, fixidez, solidez, antônimo de infixidez, insegurança, instabilidade, preservação: cuidado, proteção, resguardo, salvaguarda, com antônimo de descuido, negligência; e a ainda proteção: com defesa, garantia, seguridade sendo como antônimo desproteção, insegurança, periculosidade, perigo, e risco.

Segurança está relacionada diretamente ao ato de confiar, de sentir-se distante de perigo, do sofrimento, de algo externo ou interno que possa causar tristeza e desamparo - também está presente quando estamos em comunhão com as outras pessoas.

Para Fernandes (1974, p. 565), segurança significa certeza, firmeza, convicção, confiança, infabilidade [...] garantia, sendo antônimo de insegurança, risco e perigo.

A segurança para Bauman

é uma condição necessária do diálogo entre culturas. Sem ela, há pouca chance de que as comunidades venham a abrir-se umas às outras e a manter uma conversa que venha a enriquecê-las e a estimular a humanidade de sua união. Com ela, as perspectivas da humanidade parecem brilhar (BAUMAN, 2003, p. 128).

O termo segurança presente nesta pesquisa, está relacionado à percepção de segurança, elementos que estão presentes juntamente com satisfação, gosto, prazer, qualidade de vida, bem-viver.

Segundo Nascentes (1981, p. 348), segurança é sinônimo de segurança ou seguridades, apesar de pouco utilizadas na atualidade, significam “condição de estar seguro”.

Bauman ainda menciona que liberdade e segurança são urgentes e indispensáveis, pois

a promoção da segurança sempre requer o sacrifício da liberdade, enquanto esta só pode ser ampliada à custa da segurança. Mas segurança sem liberdade equivale à escravidão (e, além disso, sem uma injeção de liberdade, acaba por ser afinal um tipo muito inseguro de segurança); e a liberdade sem segurança equivale a estar perdido e abandonado (e, no limite, sem uma injeção de segurança, acaba por ser uma liberdade muito pouco livre). (BAUMAN, 2003, p.128)

O ambiente da biblioteca é um potencializador de ambiente seguro. Muitos dos seus usuários utilizam a biblioteca, frequentam, simplesmente por se sentirem bem, à vontade, neste espaço cativo. E não são raros os usuários que utilizam a biblioteca despretensiosamente, apenas para descansar durante intervalo de outras atividades, marcar um encontro, conversar e até namorar, e por que não?!

3 CONSTRUCIONISMO SOCIAL E A INTERDEPENDÊNCIA ENTRE OS INDIVÍDUOS

Apresenta-se como base para a fundamentação teórica e também como suporte para a definição da metodologia empregada nesse estudo, partindo do tema selecionado, a biblioteca pública como um espaço de estímulo à segurança, utiliza-se como fonte de pesquisa básica as obras “A construção social da realidade”, dos autores Berger e Luckmann (2003) que explora a sociologia do conhecimento e também o livro “A sociedade dos indivíduos” de Elias (1993), estudioso da sociologia processual, que aborda acerca da interdependência entre os sujeitos.

Tal fundamentação teórica foi escolhida como uma visão de pesquisa, pautada na percepção de que a realidade é construída socialmente, de maneira interdependente. Foi escolhida para melhor compreender a interação entre as pessoas, especialmente aquelas que por uma questão individual percebem que a biblioteca é mais que um local onde se armazenam livros, é também um local de encontro, prazeroso, afetuoso e humano. Pois como seres humanos, nós precisamos de ambientes seguros para que possamos viver e conviver bem.

Para este estudo, destacam-se os processos de socialização e institucionalização, importantes para entender como a biblioteca e os atores que nela “habitam” podem fortalecer o indivíduo como objeto social.

O processo de socialização tem seu início na infância do indivíduo. A criança desde seu nascimento é inserida numa sociedade pré-estabelecida, onde a estrutura social existia antes de seu nascimento.

Os seres humanos para Elias (1993, p. 39), quando nascem, são iguais “no que diz respeito à constituição natural, mas só em sociedade é que a criança com suas funções psíquicas moldáveis e relativamente indiferenciadas se torna um ser diferenciado”.

Os seres humanos, enquanto crianças, são considerados seres moldáveis, onde o indivíduo ainda está em formação, estando totalmente passível de influência. O indivíduo como criança, como um ser moldável, realmente precisa obter marcas impostas por outros indivíduos, porque precisa “da sociedade para se tornar numa pessoa psiquicamente adulta” (ELIAS, 1993, p. 44).

Apesar de parecer injusta essa visão, quanto à situação vivenciada pela criança, esta não atua de modo passivo, seu processo de socialização inicia-se com adaptação às regras já impostas pelos adultos (BERGER; LUCKMANN, 2003).

A criança para Berger e Luckmann (2003) ao nascer, está predisposta a sociabilidade e é capaz de se tornar um membro da sociedade, porém, somente com o reconhecimento de outros seres humanos e, posteriormente, da percepção do mundo como realidade social. E principalmente a partir do convívio com outros seres humanos é que a criança irá realmente adquirir significados subjetivos para compreender e assumir para si o mundo dos pais, que é o seu primeiro mundo.

Após a socialização primária, iniciada nos primeiros anos de vida do indivíduo, posteriormente, o contínuo processo de socialização do ser humano avança para a socialização denominada de secundária, onde o indivíduo encontra-se diante de outros seres humanos, para além do ambiente familiar.

Consequentemente, “na escola, o professor é sucedâneo do pai. Tem o poder da palavra, é a autoridade legítima que, se desafiada, poderá usar todo um arsenal repressivo para colocar o desafiante em seu devido lugar” (MILANESI, 1986, p. 139). Nesta etapa Berger e Luckmann (2003, p. 185) descrevem que “a socialização secundária é a aquisição de conhecimento de funções específicas, funções direta ou indiretamente com as raízes na divisão do trabalho”, ou onde são adquiridos os conhecimentos específicos, ou instrutivas determinadas por órgãos educacionais.

De acordo com Berger e Luckmann (2003, p. 40), diante de outros indivíduos na sociedade, o ser humano acaba por perceber que

é precisamente este aspecto, o de os seres humanos se transformarem com e através das relações que mantêm uns com os outros e de se moldarem e remodelarem constantemente em interdependência, que caracteriza de modo geral o fenômeno de entrelaçamento.

A vida em sociedade é dimensionada através do relacionamento humano, nas mais variadas formas de estreitamento de laços, para Elias (1993), esse tal entrelaçamento, ou relacionamento entre a sociedade e o indivíduo, pode ser considerado com uma teia de relacionamentos, interdependentes entre si, seja em menor ou maior grau.

A primeira instituição reguladora em que o indivíduo enfrenta na sua trajetória de vida, é a escola. Pois esta estabelece atividades que podem ser em outra instância direcionada para além da próprio ambiente escolar, mas também

para a comunidade circundante, pois ela faz parte deste chamado entrelaçamento de laços sociais.

Para Berger e Luckmann (2003, p. 80) não somente a escola, mas “as instituições, também, pelo simples fato de existirem, controlam a conduta humana, estabelecendo padrões previamente definidos de conduta”. Então novamente os indivíduos seguem regras e são conduzidos por outros indivíduos, como na escola, empresas e, também, na Biblioteca.

E assim sendo a biblioteca também contribui para fortalecer os relacionamentos humanos, e este devem ser privilegiados pelos usuários e principalmente pelos bibliotecários, criando-se ambientes harmoniosos de convivência, garantindo a continuidade do processo naturalmente de construção social.

4 HISTÓRIAS DE VIDA E A ANÁLISE DE CONTEÚDO

O uso de histórias de vida nesta pesquisa se deu por meio da análise de conteúdo dos documentos selecionados na internet, sobre a percepção dos frequentadores de bibliotecas públicas.

A seguir serão brevemente conceituadas histórias de vida e também a análise de conteúdo.

4.1 Histórias de vida

Esta pesquisa contou com seleção de relatos publicados na internet, que expõem histórias de vida, buscando resgatar a vivência dos indivíduos participantes com bibliotecas públicas no contexto da pesquisa. História de vida ou, também, narrativa de vida, é a narração ou uma experiência vivida (LAVILLE; DIONNE, 1999).

A técnica de resgatar histórias de vida é relevante para as pesquisas da área das ciências humanas, pois esta recoloca o indivíduo no social e na história [...] já que “a história de vida permite captar de que modo os indivíduos fazem a história e modelam a sociedade, sendo também modelados por ela” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 159). Esse contexto se relaciona com a fundamentação teórica deste estudo que ressalta a construção social da realidade e a interdependência entre os indivíduos.

Para esta pesquisa, o uso das histórias de vida é uma possibilidade para dar voz a quem pouco pode falar.

4.2 Análise de conteúdo

A psicóloga Laurence Bardin estudiosa da técnica aplicada a investigações psicossociológicas e no estudo de comunicação em massa conceitua a análise de conteúdo como “um conjunto de técnicas de análise de comunicações.” (2004, p. 31).

Para Bardin (2004) este conjunto de técnicas está pautado em três fases, são elas:

1) Pré-análise: ocorre a organização do material. Esta fase apresenta três objetivos, que são eles: escolher os documentos, formular as hipóteses e elaboração dos indicadores que fundamentem a interpretação final.

2) A exploração do material: nesta fase ocorre de acordo com as etapas estabelecidas na fase anterior, pré-análise, sendo que aqui serão feitas as codificações, enumerações, em função das regras pré-definidas.

3) O tratamento dos resultados e a interpretação: finalmente os resultados brutos são tratados e recebem significações ou valores válidos.

Admite-se que análise de conteúdo não segue regras rígidas, nem fórmulas obrigatórias. Mais que um instrumento, a análise é como um “leque de apetrechos” que poderá ser utilizada de várias formas, adaptando-se de acordo com o propósito da pesquisa e com a escolha do pesquisador (BARDIN, 2004).

Como ferramenta, o método de análise de conteúdo apresenta-se capaz de dar significados aos atores sociais, através da exposição de seu discurso, através da validação por meio das teorias das representações sociais.

Por se tratar de um método de pesquisa considerado do tipo qualitativo, ainda acompanha a pesquisa sob a “orientação da perspectiva fenomenológica” onde admite que a realidade possa ser um produto social (SILVA; GOBBI; SIMÃO, 2005, p. 80).

Na seção seguinte serão descritos os procedimentos metodológicos aplicados à pesquisa, tendo como objetivos investigar as bibliotecas públicas como promotoras de segurança.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos empregados nesta pesquisa estão pautados na pesquisa qualitativa e utilizou-se da técnica de análise de conteúdo a partir de relatos públicos localizados na internet.

A seguir serão descritos os conceitos de pesquisa qualitativa e os procedimentos para seleção de documentos, bem como, o tratamento que receberão nesta pesquisa.

5.1 Pesquisa qualitativa

Para Lakatos e Marconi (2010, p. 66) “o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com segurança e economia, permite alcançar o objetivo [...] traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista”.

Esta proposta de pesquisa é do tipo qualitativa, ou seja, se dirige “à análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais” (FLICK, 2009, p. 37).

O uso da pesquisa do tipo qualitativa é relevante para os estudos das relações sociais “devido à pluralização das esferas da vida” (FLICK, 2009, p. 20).

A seguir temos a descrição da seleção dos documentos e seu respectivo tratamento.

5.2 Seleção de documentos

A seleção de documentos se deu durante os meses de setembro a outubro de 2014, e utilizou a ferramenta *Google* para a busca. Para localizar matérias jornalísticas com depoimentos que relacionassem a biblioteca como um espaço de segurança foi utilizado os seguintes descritores: biblioteca + segurança, biblioteca + bem-estar, biblioteca + violência, biblioteca + mendigos, biblioteca + solidão, biblioteca + pobreza, biblioteca pública + frequentadores.

A escolha dos descritores se deu subjetivamente através da percepção da pesquisadora sobre temas que conduziriam aos documentos almejados. As reportagens de interesse para a pesquisa são aqueles documentos que privilegiam a exposição da fala dos usuários de biblioteca pública, e que apresentam correlação com a temática da proposta principal desta pesquisa, que é a relação entre segurança e bibliotecas. Outro critério decisivo foi à observação da data de publicação das reportagens, sendo que as mesmas não poderiam ultrapassar mais de 8 (oito) anos de postagem, privilegiando situações atuais.

A partir dos extensos resultados obtidos, foi realizada uma leitura para posterior seleção dos documentos relevantes para a pesquisa.

Com os resultados adquiridos, nesta etapa foi feita o que Bardin (2004) chama de “leitura flutuante” com os documentos, onde através desta primeira leitura atenciosa pode se extrair ideias e reflexões que posteriormente serão analisadas e interpretadas, selecionando, portanto os materiais considerados mais relevantes para a pesquisa. Após essa leitura foram selecionados 7 (sete) documentos independentes do gênero. Para esse estudo foram eleitos os seguintes documentos:

a) Além dos livros - as múltiplas funções de uma biblioteca pública: Emprestar livros é apenas uma das missões de um espaço que recebe de estudantes a moradores de rua todos os dias, por Priscilla Borges – Publicado em 16/11/2011 no portal Educação - iG (anexo A);

b) Biblioteca Pública de Niterói se firma como local de lazer: Programação cultural da biblioteca inclui oficinas, cinema e encontros, por Mariana Belmont – Publicado em 07/01/2012 no Jornal O Globo (anexo B);

c) Um refúgio em meio a livros: A Biblioteca Pública de São José dos Pinhais completa 70 anos e é apontada pelos frequentadores como um espaço onde é possível ler em meio aos ruídos do mundo moderno, por Marcio Renato dos Santos – Publicado em 10/11/2010 em Gazeta do Povo (anexo C);

d) Biblioteca, doce lar: Em longos estudos, pesquisadores passam dias inteiros na BN e se sentem em casa, por Bernardo Camara – Publicado em 05/08/2009 na Revista de História (anexo D);

e) Carandiru, da exclusão para a inclusão social: Biblioteca feita onde existia presídio chega a trinta mil sócios e integra comunidade local, por Biblioletas – Publicado em 22/06/2011 no Blog da Biblioteca José de Alencar (anexo E);

f) Documentário – Cultura Anônima – Documentário que busca mostrar um lado anônimo dos moradores de rua, que buscam informação e cultura nas

bibliotecas de São Paulo. Publicado em 08/11/2009 e Disponibilizado no site YouTube (anexo F);

g) Morador de rua passa em concurso público – Publicado em 13/01/2012 e postado no Globo Repórter (Anexo G).

A seguir a próxima seção será descrita como ocorreu o tratamento desses documentos acima listados.

5.3 Tratamento dos documentos selecionados

Após a seleção dos materiais, dá-se a construção de um “*corpus*”, que segundo Bardin (2004) são os documentos selecionados para serem analisados, uma vez que sua constituição implica em escolhas, seleções e também em regras. As principais regras são de exaustividade, de representatividade, regra de homogeneidade. Após essa seleção inicial vem à etapa de formulação de hipóteses, de afirmações ou suposições de ideias a serem contestadas na análise.

Bardin (p. 98, 2004) comenta que “não é obrigatório ter-se como guia um *corpus* de hipóteses, para se proceder à análise. Algumas análises efectuam-se às cegas e sem ideias pré-concebidas”. Portanto nesta pesquisa não serão formuladas hipóteses, mas reflexões sobre a temática.

Após transcrição do vídeo selecionado, os documentos foram novamente lidos com o objetivo de iniciar a segunda etapa desta pesquisa, conhecida como exploração do material. Bardin (2004, p. 101) especifica que

Se as diferentes operações da pré-análise forem convenientemente concluídas, a fase de análise propriamente dita não é mais do que a aplicação sistemática das decisões tomadas. Quer se trate de procedimentos aplicados manualmente ou de operações efectuadas por computador, o decorrer do programa completa-se mecanicamente. Esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas.

Após a exploração dos documentos selecionados ainda como resultados brutos iniciou-se a identificação das unidades de significação de interesse para a pesquisa, que foram posteriormente tratadas de maneira significativa e com valor de representação para pesquisa.

A partir dessa significação, o analista para Bardin (2004, p. 101) poderá “propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas”. Durante a análise podem ser

descobertas novas ideias, reflexões que até então não eram percebidas pelo pesquisador.

A etapa seguinte foi a de categorização, que de acordo com Bardin (2004, p. 117), representa “a ventilação dos componentes das mensagens analisadas em rubricas ou categorias, não é uma etapa obrigatória de toda e qualquer análise de conteúdo”. O processo de categorização visa organizar e classificar os elementos das unidades de análise em conjuntos agrupados por sentidos semelhantes. Portanto, as categorias foram listadas e ordenadas após identificação dos termos presentes nos documentos.

Nesta pesquisa a categorização se faz presente em quatro tópicos:

Categoria I – Bem-estar;

Categoria II – Relacionamentos;

Categoria III – Superação de dificuldades;

Categoria IV – Garantia de acesso público.

As categorias foram escolhidas por terem relação com o objetivo geral desta pesquisa, investigar relações entre biblioteca pública como promotoras de segurança, e serão na próxima seção analisadas separadamente.

6 ANÁLISE DOS DOCUMENTOS SELECIONADOS

A análise dos relatos se deu com o auxílio das categorias definidas durante o tratamento dos documentos. Serão apresentadas a seguir as quatro categorias selecionadas para efetuar análise, sobre a temática segurança em bibliotecas públicas.

Na dinâmica de análise dos relatos, as citações deslocadas dos documentos são destacadas em itálico e entre aspas e a relação com os documentos anexos é especificada através da letra correspondente entre parênteses.

6.1 Categoria I – Bem-estar

Relevantes depoimentos foram identificados nos documentos onde se percebeu que o ambiente da biblioteca fora citado de forma a identificar este espaço como um potencializador de bem-estar e tranquilidade.

Antonio Carlos da Conceição (a) morador de rua e dependente químico, encontra na Biblioteca Pública Machado de Assis em Taguatinga (DF) um “lar” onde passa todos os dias, sai apenas para almoçar, ou quando a biblioteca fecha. Para Antônio a biblioteca é vista de um modo especial:

*Eu vejo esse espaço como uma igreja, uma forma de religião.
Aqui eu busco paz espiritual.*

Antonio Carlos da Conceição talvez nem saiba, mas ele percebeu, assim como está descrito no Manifesto da IFLA/UNESCO para Bibliotecas Públicas, que as mesmas além de promotoras da “força viva para a educação, a cultura e a informação” também são “agente essencial para a **promoção da paz e do bem-estar espiritual nas mentes dos homens e das mulheres**”. (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E INSTITUIÇÃO, 1994, p. 1, grifo nosso).

A identificação do ambiente da biblioteca referida é expressa de modo particular, é um olhar pessoal, que faz com que o indivíduo perceba nesse espaço um local tranquilo, calmo, onde os usuários sintam-se a vontade. Para Silveira (2012, p. 145) as bibliotecas são como “instrumento privilegiado do saber”, estas se

porta como “pouso seguro para todos os delírios, sonhos, paixões, aventuras e desventuras da alma humana”, pois através das bibliotecas o ser humano pode encontrar infinitos modos de se expressar, sejam através dos livros ou eventos culturais.

Esther Lendiuk (b), frequentadora da Biblioteca Pública de Niterói, expressa sua afinidade com a referida biblioteca:

é um dos lugares mais gostosos desse mundo. Posso afirmar sem sombra de dúvidas que é o lugar no qual eu mais me sinto bem.

Outra percepção ligada ao bem-estar é da biblioteca como um espaço que oferece tranquilidade. Frequentador da biblioteca há mais de 30 anos, Edgard Porto Filho (b) nos traz outro relato de destaque onde indica a biblioteca pública como um “espaço neutro” durante os 60 e 70 no Brasil, período em ocorreu a ditadura militar no país. José comenta que

Nos anos 60 e 70, eu vinha muitas vezes aqui [biblioteca pública] para pensar, não só para ler, pois a gente vivia num período muito difícil, e a biblioteca era um espaço neutro, livre, onde se podia refletir.

Edgard Porto Filho (b) ao relacionar a biblioteca como um local “livre” remete à Gaiman (2013), quando menciona que “as bibliotecas têm a ver com liberdade. A liberdade de ler, a liberdade de ideias, a liberdade de comunicação.” Estão relacionadas com educação, “com entretenimento, tem a ver com criar espaços seguros e com o acesso à informação”.

Para Castrillón (2011, p. 43),

os bibliotecários em seu papel de intelectual comprometido [...] tem em suas mãos um instrumento de democratização como deveria ser a biblioteca, e devem contribuir na luta contra a miséria e contra tudo o que restrinja a liberdade de pensamento e a liberdade de eleger entre opções que possibilitem uma vida digna, ou seja contra violações dos princípios universais de justiça e liberdade. Caso contrário é moda e retórica.

Silva (2011, p. 161) destaca a importância da biblioteca, pois é um “local oportunizador de ‘troca’ de conhecimentos, de partilha, de solidariedade, igualdade, liberdade, justiça e inclusão”.

Para Chauí, (2000, p. 470) “A liberdade é a capacidade para darmos um sentido novo ao que parecia fatalidade, transformando a situação de fato numa realidade nova, criada por nossa ação”, e a biblioteca é terreno fértil para transformações.

Quem proporciona este tipo de ambiente? As bibliotecas, mesmo as públicas, possuem “a cara” dos seus gestores. É imprescindível que bibliotecários e demais pessoas que atuam nestes espaços tenham o entendimento desse papel libertador e proporcionem experiências como essas, vividas por Edgard Porto Filho (b) em momentos de ditadura.

As bibliotecas figuram como espaços seguros, livres de violência, assim como Edgard Porto Filho (b) percebeu, um espaço de “zona neutra” durante o período da ditadura militar no Brasil. Atualmente, na Colômbia, nas duas últimas décadas houve a implantação de bibliotecas em áreas consideradas violentas, e ainda, dominadas pelo narcotráfico. Essa experiência está sendo reconhecida internacionalmente e tem proporcionado às chamadas “zonas neutras”, onde a criminalização dá espaço ao conhecimento e cultura. Assim como relata a ministra colombiana Mariana Garcés (2013) acerca das bibliotecas, “espaços neutros por excelência, onde a liberdade de opinião está presente e onde os conflitos terminam por meio da discussão, da crítica respeitosa, e não através da violência”.

Também Henao e Giraldo relatam outro caso interessante sobre a implementação de bibliotecas públicas em áreas consideradas violentas na Colômbia:

La biblioteca en un barrio como Villa Guadalupe, se convierte en un refugio, en una zona neutral, en un espacio de tregua que genera una línea imaginaria que divide la zona en dos. Mientras se está en la biblioteca el mundo es de los libros, de la lectura y de cada una de las personas que allí habita; afuera la realidad es otra, la Comuna 1 es uno de los sectores de Medellín más agobiado por la violencia (HENAO; GIRALDO, 2011, p. 12).

Assim como na Colômbia, a França também enfrenta problemas com a marginalização de muitos bairros situados em suas periferias. Michele Petit (2010), antropóloga e pesquisadora da leitura em “espaços de crise”, também faz importantes relatos em seu Livro “Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva”, onde descreve algo muito semelhante ao relato brasileiro e o colombiano. A pesquisadora menciona que

em muitos dos bairros marginalizados situados nas periferias das cidades francesas, a biblioteca é muitas vezes o único lugar em que se pode encontrar amigos, se reunir, participar de um grupo e também conhecer novas pessoas. Muitos cobram maior convivência e manifestam o desejo de que se faça debates sobre temas sociais. Como se fosse a própria vocação da biblioteca ser, em todos os sentidos, o local da linguagem compartilhada. E, seja nas bibliotecas ou em outros locais, isso significa, a meu ver, que devem ser encontradas formas que permitam o exercício da liberdade de expressão, e a prática de um desejo de expressão civil, político. Pois não há real cidadania sem o uso da palavra (PETIT, 2009, p. 98).

Ainda nesse mesmo relato Edgard Porto Filho (b) apresenta também dois fatos muito importantes citados no seguinte trecho: *“eu vinha muitas vezes aqui para pensar, não só para ler”, “biblioteca era um espaço neutro, livre, onde se podia refletir”*. Essas duas ideias, indicam as muitas possibilidades da biblioteca, que vão além dos aspectos informacionais, assim como enfatiza Petit (2010) a possibilidade de “ver com outros olhos” o mundo ao nosso redor.

Para se pensar, refletir, descobrir, necessita-se de local adequado e tranquilo. O silêncio, prezado nas bibliotecas, é, muitas vezes, um dos atrativos desejados por seus frequentadores nas bibliotecas públicas, como descreve Edgard Porto Filho (b):

A biblioteca é quase um oásis no meio do barulho da Rua da Conceição.

Também para Abrão Gomes Portela (c) que utiliza a Biblioteca Pública de São José dos Pinhais durante a semana no seu horário de folga, ele relata:

Aqui existe silêncio e oportunidade para estudar e mesmo ler aleatoriamente.

Sobre a Biblioteca Nacional José Tarcísio de Abreu (d) declara

Aqui é o céu para mim.

Thais Midorikawa (d) na Biblioteca Pública de São José dos Pinhais menciona o silêncio e a importância da biblioteca, onde:

prefiro o silêncio desse espaço público, que também considero a minha casa.

A busca por espaços silenciosos nas grandes cidades é um reflexo do ritmo de vida agitado e estressante dos seus cidadãos. Os leitores buscam nas bibliotecas públicas o que talvez lhes falem em casa, na escola, ou no trabalho: tranquilidade e sossego.

A biblioteca pública é vista por José Tarcísio de Abreu (d) como um espaço afetivo, que está além do suporte informacional e cultural, mas também se faz presente do modo especial

Minhas horas mais importantes eu passo na biblioteca. Isso aqui é melhor que minha casa.

Esther Lendiuk (b) também menciona algo semelhante ao José Tarcísio de Abreu (d), para ela a Biblioteca Pública de Niterói é hoje a “sua segunda casa”, pois revela:

Eu amo a biblioteca.

Percebe-se nos relatos que há uma relação estreita entre indivíduo e a biblioteca, que “outorga uma espécie de sentido para a vida de seus usuários” (SILVEIRA, 2012, p.151), a biblioteca então passa a ser vista como parte integrante de suas vidas, cria-se vínculos afetivos e reconhece nesse espaço mais que um local que se armazena livros, um espaço bem-estar.

Com relação ao bem-estar essa ideia apontada também para o refúgio, conforme relata Jorge Cesar Pereira Nunes (d):

Aqui é meu ponto de fuga. Quando não posso vir, me faz falta, pois me sinto muito bem nesse lugar.

Ressalta-se que todos os relatos colhidos são de moradores de grandes cidades brasileiras e essas convivem com o caos das cidades metropolitanas. Para Petit (2009) essa fuga não é exatamente descrita de maneira depreciativa, mas um modo de ver na biblioteca e na leitura possibilidades, como por exemplo, uma abertura para outros mundos, “onde o devaneio, portanto o pensamento, a lembrança, a imaginação de um futuro tornam-se possíveis” (PETIT, 2009, p. 76).

Gaiman (2013) em uma palestra anual à *Reading Agency* sobre o futuro da leitura e das bibliotecas ressalta a importância da temática desta pesquisa no seu relato onde ele menciona que uma biblioteca além de dispor de informação e possibilitar acesso igualitário, o espaço deve ser comunitário e “Um lugar de segurança, um refúgio do mundo”.

Essa percepção de lugar protetor e de bem-viver está diretamente ligada com a relação entre frequentadores, bibliotecários e/ou funcionários. Afinal, a biblioteca não é somente um espaço físico, as pessoas que a gerenciam e as que frequentam animam e dão vida a esse espaço, atribuindo neste um contexto de bem-estar e de acolhimento. Mas isso somente é possível através de bons relacionamentos entre seus frequentadores e bibliotecários.

6.2 Categoria II – Relacionamentos

A categoria II sobre Relacionamentos expõe relatos sobre esta temática da pesquisa.

Os relatos a seguir expõem a relação dos bibliotecários e funcionários da biblioteca pública, Madson Moreira (a) da Biblioteca Pública Machado de Assis, em Taguatinga:

A acolhida aqui é muito boa, os funcionários são muito afetivos, dialogam com a gente. Isso faz diferença.

E para Edgard Porto Filho (b) da Biblioteca Pública de Niterói:

Os atendentes são muito atenciosos e prestativos, e esse bom atendimento cria um clima de convivência.

A acolhida nas bibliotecas pública é ressaltada nos relatos de Madson Moreira (a) e de Edgard Porto Filho (b), onde respeito e atenção são fundamentais para uma boa construção de relações sociais.

O uso do espaço da biblioteca pública quando se dá com dignidade extrapola os limites do imaginário e surgem situações inusitadas, porém instigadoras como é o caso do depoimento de Esther Lendiuk (b), onde a Biblioteca Nacional de Niterói operou mudanças invisíveis na vida da Esther, por causa da biblioteca mudanças foram feitas:

Vim dar uma olhada e fiquei tão impressionada que resolvi ficar mais uns dias para aproveitar o espaço. Passei a vir dias seguidos e acabei resolvendo me mudar para Niterói por causa da biblioteca.

Os bibliotecários precisam estar atentos aos usuários como um ser em constante transformação, e que estes precisam sempre ser motivados pois

O gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida. Se a pessoa se sente pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada devido à sua origem social, ao seu distanciamento dos lugares do saber, a dimensão do encontro com um mediador, das trocas, das palavras “verdadeiras”, é essencial (PETIT, 2009, p.154).

Os bibliotecários e funcionários devem ter cuidado com os frequentadores de bibliotecas públicas, pois se caracterizam das mais variadas formas de ser. E isso deve ser valorizado e respeitado. Nesse sentido, o depoimento da Rosana Aparecida Gibiluka (e) é impactante e reflexivo

Aqui voltei a me sentir um ser humano. Me beijaram no rosto pela primeira vez em meses.

Rosana Aparecida Gibiluka (e) como moradora de rua, ex-usuária de drogas e soropositiva, ela sentiu-se acolhida pela biblioteca pública que frequenta, onde também compara o atendimento dentro e fora biblioteca.

Depois que eu fui para a rua, perdi meus valores, inclusive o de ser bem tratada. Aqui me tratam bem, me dão bom dia, falam comigo. Na rua me tratam feito lixo.

As relações entre os indivíduos estão estritamente ligadas entre si, de modo que uns indivíduos dependem um dos outros, em menor e maior grau de

dependência. Quando pensamos em "individualidade" e "condicionamento social", apesar de parecer duas coisas diferentes, não passam, “de duas funções diferentes das pessoas em suas relações recíprocas, nenhuma das quais pode existir sem a outra.” (ELIAS, 1993, p. 56).

Os relacionamentos percebidos nesta pesquisa com bibliotecas públicas nos faz recordar da importância da ética do cuidado, que se refere a olhar o outro de um modo mais atento, respeitoso. Boff (2004, p. 6) destaca que “cuidar do outro é zelar para que esta dialogação, esta ação de diálogo eu-tu, seja libertadora, sinérgica e construtora de aliança perene de paz e de amortização”.

Assim como a biblioteca depende de seus usuários, os mesmos também dependem da biblioteca, ambos precisam se harmonizar para alcançar todos, os seus objetivos, que estão diretamente ligados.

6.3 Categoria III – Superação de dificuldades

A terceira categoria apresenta depoimentos sobre a percepção dos usuários sobre o potencial das bibliotecas.

Os dois primeiros relatos nos dão duas amostras das possibilidades da biblioteca pública, onde no primeiro Antonio Carlos da Conceição (a) almeja para si um futuro melhor:

Quem sabe eu não posso mudar o futuro.

E José Maria Reganhan (a) reconhece na participação da biblioteca o seu êxito de vida:

A biblioteca facilitou meus estudos e o que sou hoje, porque me permitiu estudar e criar relacionamentos de amizade.

Rosana Aparecida Gibiluka (e) cita palavras dignas de reflexão

Só estudei até a quarta série. Quero voltar a estudar, crescer. Meu sonho sempre foi fazer direito. Acho uma profissão linda. [...] E em sonhar de novo a biblioteca tem me ajudado muito.

A biblioteca, por meio da leitura abre espaços, caminhos que antes não eram possíveis. Alternativas que nos libertam de um mundo talvez indesejado. Assim como outro ex-morador de rua Sebastião Nicomedes (f) menciona

Quando a gente tá na rua e entra na biblioteca, por algum motivo a gente já se melhora um pouco. Às vezes, a gente tem a impressão que tá com a roupa melhor, às vezes nem tá. É

um dos poucos momentos em que as coisas são de graça, e ninguém tá pra reparar ninguém. Fica todo mundo à vontade.

Para Castrillón (2011, p. 40) o papel do bibliotecário é revalorizado quando este supera o técnico-profissional, ao reconhecer que o seu “trabalho permite a outros transcender e melhorar sua condição humana”.

Pois a biblioteca, através da leitura, contribui para que o indivíduo possa ser dono de seus destinos, não se deixando manipular e/ ou enganar, segundo Petit (2009, p. 100) a leitura ajuda o indivíduo a sair dos lugares já pré-estabelecidos,

a se diferenciar dos rótulos estigmatizamos que os excluem, e também das expectativas dos pais e dos amigos, ou mesmo do que cada um deles acreditava, até então, que era o mais adequado para o definir.

A biblioteca pública aberta a todos, democrática por função, especialista em transformações, exige cuidados especiais para cada um de seus usuários.

6.4 Categoria IV – Garantia de acesso público

Com todo o potencial das bibliotecas, estas devem estar ao alcance de todos, garantido seu acesso livre e gratuito a quem precisar/quiser. A quarta e última categoria intitulada de Garantia de acesso público refere-se a esse direito universal de acesso à informação e a cultura.

Antonio Carlos da Conceição (a) frisa que o acesso à biblioteca deveria ser maior:

Eu acho que as bibliotecas deveriam ficar abertas 24 horas. É injusto até com quem não pode ter acesso durante o dia porque trabalha ou estuda.

Antonio Carlos da Conceição (a) como morador de rua que durante o dia passa na Biblioteca Machado de Assis em Taguatinga, lamenta que a biblioteca pública não esteja disponível todos os dias. Para a ele, a biblioteca é um importante alento diário, pois

Na biblioteca, busca uma ocupação para a mente e uma fuga para a “vida da rua” – o álcool e as drogas.

No trecho acima citado, “*Na biblioteca, busca uma ocupação para a mente e uma fuga*”, a biblioteca como um refúgio, também trás a possibilidade de se mudar de vida, de transformação e ter acesso à biblioteca pode mudar a vida de seus usuários.

Para Castrillón (2011, p. 37) as bibliotecas públicas

oferecem um acesso real e universal à informação, sem a qual não é possível sobreviverem mínimas condições de humanidade. Muitas vidas podem ser salvas e muitos seres humanos vivem de maneira mais digna se o acesso à informação fosse realmente universal.

Ubirajara Gomes (g) relata que nos tempos de morador de rua também utilizava a biblioteca pública todos os dias para fugir dos males das ruas:

Eu ia estudar e ficava tomando cafezinho e água para passar a fome; Passei muita fome; eu tentava não pensar. Tomava muito água para não desidratar e café.

Felizmente Ubirajara Gomes (g) viu na biblioteca mais que abrigo, ele estudou e buscou nesta Instituição recursos necessários para transformar sua vida. Assim, também, como Juliana Patrizi (b) que faz seu relato acerca da biblioteca:

Descobri um mundo totalmente novo. Eu nunca tinha frequentado uma biblioteca, a não ser a da escola, que é diferente. Vi aqueles livros novos, os computadores, e tive um maior estímulo para estudar mais.

Para Castrillón (2011) a sociedade deve ter o entendimento que para maior democratização deve se dirigir esforços e fortalecer a biblioteca, que além da escola é responsável pela educação de qualquer país. Petit (2009) relata que a leitura, especialmente para os jovens, não é apenas uma questão social, é também o direito a democratização da sociedade, além de propiciar condições ativas para a democracia.

Para Silveira a biblioteca deve ter por objetivo

Preparar os sujeitos humanos para assumirem papéis sociais relativos à vida coletiva, à reprodução das condições que garantem sua visibilidade e participação na esfera pública, bem como o uso adequado e responsável de conhecimentos e habilidades disponíveis no tempo e nos espaços onde sua vida se desenvolve (SILVEIRA, 2012, p. 96).

A garantia de acesso público é um direito constitucional. O Manifesto da IFLA/UNESCO declara que às bibliotecas públicas cabe tornar “prontamente acessíveis aos seus utilizadores o conhecimento e a informação de todos os gêneros” (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E INSTITUIÇÕES, 1994). Portanto o acesso às bibliotecas públicas deve ser irrestrito e igualitário a qualquer cidadão brasileiro.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve por objetivo geral investigar as relações possíveis das bibliotecas públicas como promotoras de segurança. A coleta de dados se deu por meio de sete reportagens de cunho jornalístico publicadas virtualmente e um documentário, também disponibilizados na rede. Por meio dos relatos de histórias de vida buscou-se resgatar percepções sobre a biblioteca pública como um espaço de segurança. Espaço não somente físico, mas habitado e animado por pessoas preocupadas em oferecer ambientes seguros.

O uso de relatos de história de vida foi muito importante para a pesquisa, pois permitiu captar informações íntimas sobre a percepção individual dos entrevistados, iluminando o papel das bibliotecas públicas brasileiras.

Apesar das muitas dificuldades encontradas, dos imprevistos e barreiras ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, o estudo constatou um contexto pouco abordado acerca das bibliotecas públicas, resgatando uma imagem positiva desta Instituição.

A fase de levantamento e seleção dos documentos com relatos de usuários de bibliotecas públicas atribuindo a estes espaços o valor de segurança foi um tanto quanto dificultoso. As investigações se concentraram na ferramenta de busca on-line *Google*, durante o período de setembro até outubro de 2014, onde foram encontradas poucas informações consideradas relevantes e que se encaixavam na temática da pesquisa. A busca se deu de modo aleatório, com o objetivo de resgatar informações que retratassem o espaço não físico da biblioteca, mas a percepção, a sensação dos frequentadores de bibliotecas públicas. Os resultados obtidos, apesar do pequeno número se mostraram valiosos com os relatos correspondentes as bibliotecas públicas e seu espaço, assim como objetivados pela pesquisadora.

A relevância das bibliotecas públicas foi evidenciada, pois para todos os entrevistados, esta Instituição é um importante instrumento social, que de alguma forma mostra a eles um novo mundo, um novo olhar sobre suas vidas e possibilitam mudanças significativas para si e também para a sociedade.

As possibilidades das bibliotecas públicas estão muito além do seu contexto informacional. Para os entrevistados, as bibliotecas públicas representam possibilidades de melhorias, com relatos do tipo: *“mudar o futuro”, “biblioteca*

facilitou meus estudos e o que sou hoje, porque me permitiu estudar”, e “estudar, crescer”, “tive um maior estímulo para estudar mais”. Constatou-se que a percepção de que a leitura e a aproximação com a biblioteca pública promove à motivação de pessoas as estimulam a cada vez mais estudarem, se qualificarem, traçando novos rumos a suas vidas. Algumas relatam situações em que a biblioteca mostrou-se mais que uma porta de acesso informacional, que permitiu o ingresso livre de pessoas em seus espaços, um facilitador de transformações, que de algum modo auxiliaram as pessoas a escolherem seus destinos.

Percebe-se que a acolhida nas bibliotecas públicas é reconhecida como um diferencial para a permanência e entusiasmo dos seus frequentadores. Pois ao *“ser bem tratada”, ao “dialogar”, ao “acolher”* o outro como ele se apresenta, evitando o pré-conceito ou receios, possibilita ao acolhido se *“sentir um ser humano”* com sentimentos, emoções, um gesto aparentemente simples que torna o outro mais digno de sua própria vida, e este certamente fará o mesmo a seu próximo.

O aconchego em qualquer biblioteca somente é possível quando esta representar um ambiente seguro aos seus usuários. O termo segurança empregado na pesquisa está associado ao indivíduo e sua percepção de sentir-se seguro, ao sentido de bem-estar, de sentir-se confortável e confiante. Os relatos colhidos, a partir pesquisa, demonstraram que os frequentadores de bibliotecas públicas mencionam de forma indireta a sensação de segurança presentes nas bibliotecas públicas.

As características evidenciadas através dos relatos sobre estes espaços os relacionadas com segurança, com afirmativas curiosas. Em algumas delas se compara a biblioteca pública a *“uma igreja, uma religião”*, este relato muito particular, relaciona a biblioteca com algo invisível, à fé, que também tem o contexto de oferecer segurança para incertezas, por crer e confiar em algo maior, mas que lhe é seguro.

O relato apresentado evidencia a aproximação dos usuários com a biblioteca, que através das pessoas que trabalham nesses locais recebem os usuários de forma livre, sem maiores pretensões. Este acolhimento se distingue da nossa atual sociedade, considerado um diferencial em nosso mundo cheio de muros, cercas, câmeras, vigilantes e pedidos de solicitação formais para adentrar em qualquer local, mesmo quando estes são públicos. Nas bibliotecas públicas é permitido o ingresso de qualquer pessoa e a ninguém deve ser negado esse direito.

Quem entra numa biblioteca, pode usufruir de seus serviços, pois as portas estão sempre abertas e com acervo geralmente ao alcance de quaisquer usuários.

Nesta pesquisa as bibliotecas públicas foram adotadas afetivamente por seus usuários que passam seus dias nestes ambientes, pois para eles as unidades de informação os atraem e acolhem, elas fazem deles pessoas, seres humanos que se sentem valorizados, pois *“Quando a gente tá na rua e entra na biblioteca, por algum motivo a gente já se melhora um pouco”*.

Através destas declarações: *“Descobri um mundo totalmente novo”, “minhas horas mais importantes eu passo na biblioteca”, “considero a minha casa”, “Isso aqui é melhor que minha casa.”* – pode-se perceber um pouco de como a biblioteca pública pode se fazer presente na vida das pessoas. Ao atribuir a este lugar público uma consideração tão próxima e afetiva como comparada a sua casa (até melhor), demonstra o envolvimento emocional destas pessoas com estes locais.

A biblioteca pública em meio a uma sociedade individualista e opressora, também serve como refúgio, um porto seguro, que abriga quem deste mundo quer ao menos se afastar por um determinado tempo. Os trechos destacados a seguir identificam-se com a sensação de fuga de mundo para a biblioteca, *a busca por “paz espiritual”, onde na biblioteca encontra o “um dos lugares mais gostosos desse mundo”,* estas bibliotecas públicas através de seus bibliotecários proporcionam aos seus usuários um ambiente próspero e acolhedor.

Este reconhecimento de espaço seguro e satisfatório está diretamente ligado aos bibliotecários e funcionários da biblioteca pública, ao proporcionar um espaço significativo a seus usuários. Estes profissionais, quando atentos aos interesses e às necessidades de cada pessoa, percebem que seu trabalho está além da instrução técnica, ele está comprometido com o indivíduo como pessoa, ser humano.

A principal conclusão desta pesquisa é que se faz necessário humanizar a biblioteca, uma vez que esta poderosa fonte de informação e cultura trabalha com e para as pessoas. Faz-se necessário torná-la mais próxima de gente para que se possa pensar e agir em direção aos anseios da comunidade em que está inserida.

Esse processo de humanização é de responsabilidade dos bibliotecários e funcionários, que são os responsáveis legais por esses espaços, que através do acolhimento e estímulo dirigido aos seus usuários promove a participação e colaboração destes com a biblioteca pública. E esta participação resulta em maior

envolvimento da comunidade com as atividades da biblioteca, proporcionando reconhecimento e valorização de ambas.

Será que nossos bibliotecários e demais agentes que atuam nesses espaços estão preparados para lidar com situações, como por exemplo, a busca da biblioteca por moradores de rua? E o que esta unidade de informação pode fazer por estas pessoas? Em torno desta questão qual a responsabilidade das Universidades e Escolas que formam estes profissionais? Qual a responsabilidade das Associações e demais agrupamentos coletivos que congregam profissionais?

Essa pesquisa frisa a importância da biblioteca pública em nossa sociedade, pois os relatos apresentados, ainda que breves, demonstram que a biblioteca é um diferencial na vida dos que dela puderam usufruir. Portanto é essencial que as bibliotecas no Brasil estejam à disposição de todos, para que tenham, também, a oportunidade de encontrar na biblioteca, assim como os entrevistados desta pesquisa, um local público que lhes proporcione bem-estar e segurança.

Desse modo, essa pesquisa pretende instigar novas investigações sobre do espaço da biblioteca pública como um espaço destinado ao encontro, à satisfação e o lazer, sentimentos obtidos somente em locais em que as pessoas sintam-se seguras, tranquilas.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. Ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARRETO, Angela Maria; PARADELLA, Maria Dulce; ASSIS, Sônia. Bibliotecas públicas e telecentros: ambientes democráticos e alternativos para a inclusão social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 37, n. 1, p. 27-36, jan./abr. 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/PPGEC1/Downloads/Ci__Inf__,_Bras%C3%ADlia-37(1)2008-bibliotecas_publicas_e_telecentros-_ambientes_democraticos_e_alternativos_para_a_inclusao_social.pdf >. Acesso em 20 set. 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 23. Ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BIBLIOTECA pública: princípios e diretrizes. 2. ed., rev. e atual. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

COLÔMBIA aposta em bibliotecas como antídoto contra a violência: Para a ministra colombiana Mariana Garcés, o investimento em leitura, cultura e música é fundamental para mudar situações de conflito. 11 de junho de 2013. Disponível em: < <http://noticias.terra.com.br/educacao/colombia-aposta-em-bibliotecas-como-antidoto-contr-a-violencia,0dc427b2ffa2f310VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html> > Acesso em: 15 set. 2014.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Lisboa: D. Quixote, 1993.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E INSTITUIÇÕES. **Manifesto da IFLA/UNESCO sobre as bibliotecas públicas 1994**. Disponível em: <<http://www.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>>. Acesso em: 23 set. 2014.

FERNANDES, Francisco. **Dicionário de sinônimos e antônimos da língua portuguesa**. 38. ed. rev. e ampl. por Celso Pedro Luft de acordo com a ortografia oficial brasileira. São Paulo: Globo, 1974.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. 2. ed. Brasília(DF): Briquet de Lemos, 2007.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed; São Paulo: Bookman, 2009.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Instituto de Documentação; SILVA, Benedicto et al. **Dicionário de ciências sociais**. Rio de Janeiro: FGV, 1986.

GAIMAN, Neil. **Por que nosso futuro depende de bibliotecas, de leitura e de sonhar acordado**. Publicado em The Guardian, em 15/10/2013. Disponível em: < <http://indexadora.wordpress.com/2013/10/17/neil-gaiman-por-que-nosso-futuro-depender-de-bibliotecas-de-leitura-e-de-sonhar-acordado/> > Acesso em: 15 set. 2014.

HENAO, Doris Liliana Henao; GIRALDO, Yicel Nayrobis Giraldo. Dar-se en la abrazo para encontrar-se en la palabra: la biblioteca pública como ambiente educativo potenciador del afecto. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.16, n.4, p.2-15, out./dez. 2011. Disponível em: < <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1378> >. Acesso em: 02 out. 2014.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss de sinônimos e antônimos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo (SP): Atlas, 2010.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, Porto Alegre: Artmed, 1999.

MACHADO, Elisa Campos. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. 2008. 184 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-07012009-172507/pt-br.php> >. Acesso em: 02 out. 2014.

MILANESI, Luis. **Ordenar para desordenar: centros de cultura e bibliotecas públicas**. São Paulo (SP): Brasiliense, 1986.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário de sinônimos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. 2 ed. São Paulo: Ed. 34, 2010.

_____. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

SILVA, Cristiane Rocha; GOBBI, Beatriz Christo; SIMÃO, Ana Adalgisa. Uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 7, n. 1, p.

70-81, 2005. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/pdf/878/87817147006.pdf> >.
Acesso em: 21 out. 2014.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. Um elogio à sedução, ou a biblioteca como espaço de leitura. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.17, n.4, p.142-159, out./dez. 2012. Disponível em:
<<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1486/1074>>.
Acesso em: 02 set. 2014.

VANDENBOS, Gary R. **Dicionário de psicologia**: American Psychological Association: APA. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ANEXO A – ALÉM DOS LIVROS: AS MÚLTIPLAS FUNÇÕES DE UMA BIBLIOTECA PÚBLICA

Além dos livros: as múltiplas funções de uma biblioteca pública: emprestar livros é apenas uma das missões de um espaço que recebe de estudantes a moradores de rua todos os dias.

Disponível em:

<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/alem-dos-livros-as-multiplas-funcoes-de-uma-biblioteca-publica/n1597369382299.html>

Além dos livros: as múltiplas funções de uma biblioteca pública

Empréstimo de livros é apenas uma das missões de um espaço que recebe de estudantes a moradores de rua todos os dias

Priscilla Borges, iG Brasília | 16/11/2011 08:05:00

A função principal de qualquer biblioteca é ser fonte de conhecimento e de livros. Mas, em Taguatinga, cidade distante 25 quilômetros do centro da capital federal, uma biblioteca pública é exemplo de que esses espaços podem oferecer muito mais a seus usuários: sonhos, paz, mudança de vida.

A descrição pode parecer dramática à primeira vista, mas quem trabalha atendendo ao público variado que frequenta um espaço como esse durante 14 horas ininterruptas, seis dias na semana, há mais de 15 anos, como a equipe da Biblioteca Pública Machado de Assis, entende que não é exagerada.

Pelo balcão da biblioteca passam cerca de 400 usuários todos os dias. Cada um com histórias de vida e necessidades completamente diferentes. Além dos estudantes e concurseiros, que formam o maior público do local, há aposentados em busca de companhia, desempregados à procura de trabalho e palavras de conforto, e alguns outros querendo concretizar sonhos e mudanças.

Cheila de Souza Luiz, assistente da coordenação da biblioteca, coleciona inúmeros personagens marcantes em 16 anos de trabalho na Machado de Assis. Recorda com carinho de um pai e uma filha que passaram quatro anos frequentando a biblioteca todas as noites, enquanto esperavam a mãe terminar as aulas na faculdade. Moravam longe e não havia lugar mais seguro para aguardar o fim das aulas. A criança se tornou uma leitora assídua.

Ela também acompanha de perto o esforço de uma frequentadora que está há meses desempregada e manda currículos pela internet, procura emprego nos jornais oferecidos para a leitura na biblioteca. A moça diz que o espaço lhe dá suporte emocional. Tem pavor de ficar só e entrar em profundo desespero.

“Tem de ter boa vontade e sensibilidade. A função social de uma biblioteca vai muito além da informação, passa pela formação e pela cidadania. Numa biblioteca, é preciso lidar com toda a realidade que está na sociedade e tentar mostrar caminhos quando preciso. É tudo aberto, todo mundo tem de usar todos os serviços”, afirma Cheila.

A Biblioteca Machado de Assis fica aberta de segunda a sexta, das 8h às 22h, e aos sábados, das 9h às 17h30. O telecentro com 10 computadores pode ser usado das 8h30 às 17h30. Além disso, há projetos de incentivo à leitura para escolas da comunidade, videoteca (os filmes podem ser emprestados) e oficinas de artesanato variadas para a comunidade, que acontecem ao menos uma vez por mês.



Alan Sampaio

A Biblioteca Pública Machado de Assis, em Taguatinga, atende cerca de 400 usuários por dia.

“Só não atendemos mais gente por falta de funcionários”, conta Cheila. Hoje, oito servidores se revezam, além dos quatro funcionários da limpeza e os quatro vigilantes. O atendimento feito por eles, acredita a coordenadora da biblioteca, Jacyara Cavalcante de Paula, se mantém de qualidade por conta da permanência dos trabalhadores lá por muito tempo. A equipe é basicamente a mesma desde 1991.

A continuidade dos projetos, no entanto, está ameaçada. A biblioteca funciona por causa de um convênio entre a Secretaria de Educação, a Secretaria de Cultura e a

Administração de Taguatinga, que expirou. E há chances de os funcionários serem requisitados para seus órgãos de origem. “Todos vieram trabalhar na biblioteca por causa de um bom trabalho que faziam em outro lugar. Fizemos uma formação longa na universidade para atuar aqui”, conta Cheila.

Apesar disso, eles continuam observando quem entra e sai com o mesmo afinco. Lamentam que as “casas dos livros” não sejam mais valorizadas pelo governo e pela sociedade e ainda acreditam que o espaço pode mudar vidas.

“A biblioteca é minha religião”

Antonio Carlos da Conceição, 41 anos, não tem família ou amigos de longa data em Brasília. Parou em Taguatinga por acaso, quando voltava de Mato Grosso para Bahia, sua terra natal, depois de uma tentativa frustrada de abrir um negócio com um tio. Decidiu ficar na cidade e tentar a sorte com o pouco dinheiro que ainda tinha no bolso.



Alan Sampaio

Antonio Carlos da Conceição, morador de rua, transformou a biblioteca em seu lar. Lendo, ele fica longe do álcool e das drogas.

Durante um tempo, Antonio viveu em pequenas pousadas. Vendia doces nos semáforos para bancar as diárias e as farras noturnas. No dia em que o compromisso de ter dinheiro para o hotel se tornou um fardo pesado, ele passou a viver nas ruas de Taguatinga. Na biblioteca, busca uma ocupação para a mente e uma fuga para a “vida da rua” – o álcool e as drogas – como ele mesmo conta.

Antonio chega à biblioteca todos os dias às 8h. Só sai para almoçar ou lanchar. E quando o espaço fecha, às 22h, ele lamenta não poder ficar mais. O que ele mais gosta de fazer é ficar na internet. Assiste a filmes, desenhos e lê notícias na maior

parte do tempo que passa na biblioteca. Quando os computadores estão ocupados ou quando o telecentro fecha, ele lê jornais e, às vezes, alguns livros.

“Eu entro aqui às oito da manhã e saio às dez da noite e não vejo que o tempo passou. Eu vejo esse espaço como uma igreja, uma forma de religião. Aqui eu busco paz espiritual”, conta. Para ele, quando as portas do local se fecham, especialmente aos finais de semana, a sensação é de vazio. “Eu acho que as bibliotecas deveriam ficar abertas 24 horas. É injusto até com quem não pode ter acesso durante o dia porque trabalha ou estuda”, diz.

Antonio, que sempre gostou de ler, mas amava mesmo matemática, costuma jogar (e vencer) xadrez com outros estudantes usuários da biblioteca. Mesmo tendo um diploma do ensino médio, ele já não faz planos. Vive do presente, usando a biblioteca como forma de ficar longe da rua. “Quem sabe eu não posso mudar o futuro”, define.

Quase uma extensão de casa



Alan Sampaio

Em fase de preparação para o vestibulares, estudantes ganharam um espaço de convivência na biblioteca para esquentar o almoço: um pedacinho de casa

Preparação para o vestibular não é fácil. Exige dedicação e abdicação de muitas coisas. No caso dos amigos Felipe França, Madson Moreira, Kaic Ribeiro, Maria Amélia Laranjeira, Davi Leão, Celso Mariano, Fabiana Soares, Coraci Alves, Thaís de Queiroz, Raiane Oliveira e Milla Chastinet também significa passar muito tempo longe de casa. Alguns, como Kaic, Maria Amélia, Coraci, Thaís, Raiane e Milla, trocaram de cidade para estudar.

Todos eles têm uma rotina parecida. Alguns dividem o dia entre o cursinho e a biblioteca e outros passam o tempo todo estudando no espaço público. Carregam marmitas, lanches, casacos e água entre os cadernos e livros necessários para a preparação ao vestibular. Por causa das dificuldades que enfrentavam para almoçar de forma decente, eles ganharam uma “extensão” do próprio lar dentro da biblioteca.

Os estudantes sofriam para conseguir esquentar a comida que traziam de casa. Pediam – ou pagavam pelo serviço – nas lanchonetes vizinhas para usar o forno de microondas delas. Outras vezes, apelavam aos funcionários da biblioteca para obter o mesmo tipo de auxílio. A copa, que fica trás do balcão de atendimento, passou a ficar pequena para tantos pedidos. E os funcionários, muito ocupados. Por fim, muitos comiam tudo frio mesmo.

Sensibilizados, os servidores do local arrumaram uma salinha – o depósito do material que recebem de doação – para servir de espaço de convivência. Colocaram mesas e sugeriram que os meninos se cotizassem e comprassem um microondas. “Foi uma boa solução. A acolhida aqui é muito boa, os funcionários são muito afetivos, dialogam com a gente. Isso faz diferença”, resume Madson.

Ponto de encontro com a cidade

O primeiro lugar público que José Maria Reganhan, de 57 anos, procurou visitar assim que chegou a Brasília, quatro anos atrás, foi uma biblioteca. Amante da leitura desde criança, ele acredita que as bibliotecas refletem o desenvolvimento de uma cidade ou um País. Por isso, lamenta o pouco apoio dado pelo governo a elas.

“Quanto menor a biblioteca, menos desenvolvida é a região”, opina.



Alan Sampaio

José Maria Reganhan fez da biblioteca seu recomeço: amizades e estudos para o mestrado na nova cidade.

Morando em Taguatinga, cidade satélite localizada a 25 quilômetros do centro da capital, José Maria se deparou com a Biblioteca Pública Machado de Assis. A cidade cara, de opções de lazer escassas e distantes o espantou. No espaço público dos livros, encontrou um rumo. Sua meta era conseguir estudar e ingressar em um mestrado na Universidade de Brasília (UnB).

Depois de alguns meses, o paulistano criado em Curitiba fez amigos na biblioteca – os funcionários basicamente – e conquistou uma vaga em um mestrado profissionalizante na área de gestão econômica do meio ambiente na UnB. “A biblioteca facilitou meus estudos e o que sou hoje, porque me permitiu estudar e criar relacionamentos de amizade”, diz.

O começo na cidade, ele conta, foi muito difícil. Hoje, já com o mestrado concluído, professor de uma instituição privada de ensino superior em Planaltina, José Maria fez doações de livros para a biblioteca e acredita que todos deveriam ajudar a manter essas instituições funcionando bem.

Ocupação e renda

Em uma sala pequena no mezanino da biblioteca, pelo menos uma vez ao mês, pessoas da comunidade onde está a Machado de Assis aprendem a reciclar, criar objetos, ocupar o tempo e garantir um dinheirinho extra. Elas participam de oficinas organizadas e dadas pelos próprios funcionários da biblioteca. Confecção de objetos

a partir de garrafas pet, de enfeites natalinos e até de restauração de livros ocorrem durante o ano.



Alan Sampaio

Oficinas de artesanato oferecidas de graça pela biblioteca funcionam como ocupação e fonte de renda, especialmente para aposentadas

Gabriela de Oliveira, 17 anos, destoa do restante dos participantes da oficina de enfeites natalinos esta semana. Era a caçula da turma, formada em sua maioria por senhoras aposentadas. Durante toda a semana, elas aprenderam a fazer árvores de natal de papelão, anjinhos de tecido, guirlandas, papai Noel de pedrinhas. Estudante do 3º ano do ensino médio, Gabriela conta que adora artesanato e diz que aprendeu “a ter paciência” com as oficinas.

Estreante, Rosemeire Augusta Pereira, de 44 anos, achou que a experiência funcionou como uma terapia. “Não esperava que fosse tão bom”, diz. As amigas Givaneuza Vieira, 64, e Neucleide Gomes, 71, acreditam que o governo deveria investir em mais oportunidade assim. Além de ocupar o tempo, elas vêem no artesanato uma fonte de renda. “Tem muito idoso precisando sair de casa para fazer alguma coisa”, define Neucleide.

ANEXO B – Biblioteca Pública de Niterói se firma como local de lazer

Biblioteca Pública de Niterói se firma como local de lazer: Programação cultural da biblioteca inclui oficinas, cinema e encontros.

Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/bairros/biblioteca-publica-de-niteroi-se-firma-como-local-de-lazer-3589342>

Biblioteca Pública de Niterói se firma como local de lazer:
Programação cultural da biblioteca inclui oficinas, cinema e encontros
POR MARIANA BELMONT

07/01/2012 7:00



COMPUTADORES E livros ficam nas salas de leitura

Natural de Curitiba, no Paraná, a terapeuta holística Esther Lendiuk, de 66 anos, decidiu trocar sua terra natal por Niterói no ano passado. Além de uma grande amiga que mora aqui e da simpatia pela cidade, outro motivo foi fundamental para a decisão de mudar de endereço: a reinauguração da Biblioteca Pública, em julho do ano passado, após dois anos de reformas. Rata de biblioteca, como ela mesma se define, Esther ficou tão encantada com o novo espaço que começou a visitá-lo quase que diariamente. Assim como ela, outras pessoas estão descobrindo a biblioteca, que deixou de ser apenas um local de leitura e de pesquisa e hoje funciona como um centro de cultura, de interação e de entretenimento. Com salas de convivência, com sofás e até miniestantes móveis, que podem ser deslocadas, facilitando o acesso aos livros; 50 computadores desktops e 24 notebooks com acesso à internet; brinquedoteca com uma área externa, ideal para os pequenos fazerem piqueniques; e até uma sala de audiovisual, na qual o usuário pode assistir

a filmes ou ouvir música, a Biblioteca Pública de Niterói (BPN) vem se firmando como um novo ponto de encontro.

— Trabalho aqui há 39 anos e fico muito honrada e orgulhosa de ver como a biblioteca se transformou num lugar totalmente inclusivo, aberto e acessível a todos. Incorporamos o conceito de biblioteca-parque, uma ideia contemporânea, por meio do qual oferecemos atividades culturais e deixamos o usuário livre para usufruir do espaço da maneira como achar mais proveitoso. As estantes com os livros, por exemplo, são totalmente acessíveis aos frequentadores, que podem escolher e pegar, eles mesmos, quaisquer volumes. Pedimos apenas que, após a leitura, a pessoa deixe o livro sobre as mesas, para que nossos funcionários possam recolocá-los nos lugares corretos — ressalta a diretora da BPN, Maria da Glória Blauth.

Programação cultural da biblioteca inclui oficinas, cinema e encontros

A certeza de que a nova biblioteca agradou em cheio vem dos depoimentos dos frequentadores. A curitibana Esther Lendiuk garante que a BPN é hoje a sua segunda casa.— Em visita a uma amiga que mora em Niterói, soube que essa biblioteca, que eu havia conhecido cinco anos antes, seria reinaugurada. Vim dar uma olhada e fiquei tão impressionada que resolvi ficar mais uns dias para aproveitar o espaço. Passei a vir dias seguidos e acabei resolvendo me mudar para Niterói por causa da biblioteca. Agora, venho todos os dias para ler, entrar na internet, visitar a sala das crianças e desfrutar este lugar — afirma. — Eu amo a biblioteca, é um dos locais mais gostosos desse mundo. Posso afirmar sem sombra de dúvidas que é o lugar no qual eu mais me sinto bem.

O depoimento de Esther é endossado pela diretora do espaço, Maria da Glória Blauth:

— O mais surpreendente para nós, que trabalhamos aqui, foram os depoimentos dos frequentadores, com elogios e incentivo. Nunca havíamos tido esse retorno. É uma grande alegria chegar aqui às 9h, uma hora antes da abertura, e ver que já há uma fila de pessoas na porta esperando para usar o espaço. Posso dizer que essa não foi apenas uma obra, foi uma restauração completa: do prédio; dos serviços; da equipe, pois agora temos jovens com nível superior que orientam os usuários sobre as diversas áreas de conhecimento; e da proposta de uso do espaço.

Frequentador da biblioteca há mais de 30 anos, o escritor Edgard Porto Filho ressalta que o novo ambiente e a estrutura bem equipada, com a informatização do acervo, tornaram-se um estímulo a mais para que ele mantivesse a assiduidade.

— Nos anos 60 e 70, eu vinha muitas vezes aqui para pensar, não só para ler, pois a gente vivia num período muito difícil, e a biblioteca era um espaço neutro, livre, onde se podia refletir. Com a reforma, a biblioteca virou um colírio para os olhos, ficou mais confortável. E a informatização também foi muito importante. Minha esposa e eu somos leitores vorazes — conta. — É muito bom entrar e ver que se está num espaço verdadeiramente cultural, e não apenas num depósito de livros. Os atendentes são muito atenciosos e prestativos, e esse bom atendimento cria um clima de convivência. A biblioteca é quase um oásis no meio do barulho da Rua da Conceição. Foi um grande presente que Niterói ganhou.

A BPN fez a diferença na vida da estudante Juliana Patrizi. Aluna do Liceu Nilo Peçanha e moradora de São Gonçalo, ela passou a estudar todos os dias na biblioteca desde a reinauguração do local. E garante que o espaço e os livros foram fundamentais para a sua aprovação no vestibular da Universidade Federal Fluminense (UFF):

— Descobri um mundo totalmente novo. Eu nunca tinha frequentado uma biblioteca, a não ser a da escola, que é diferente. Vi aqueles livros novos, os computadores, e tive um maior estímulo para estudar mais. Se eu tivesse que ir para casa estudar, levaria muito tempo, já que moro em São Gonçalo e minha escola é em Niterói.

Para estimular que os jovens que usam a biblioteca não fiquem restritos ao uso da internet, diferentes atividades culturais são realizadas no espaço. Aos sábados e domingos, às 10h e às 15h, há narração de histórias com música. Oficinas variadas, como a de confecção de marcadores de livros, ocorrem quase que diariamente. A partir de março, a programação, toda gratuita, será estendida, como adianta a diretora Maria da Glória:

— É preciso que as pessoas saibam que a biblioteca abre também nos fins de semana, por isso queremos colocar atividades atrativas para conquistar um público cada vez maior. A partir de março, haverá os projetos “Hora da poesia” e “Contos e causos”, com leituras de textos, e “Zum, zum, zum”, em que todas as atividades do espaço serão interrompidas e as pessoas serão convidadas a ler um trecho de um livro, ou fazer uma dramatização. Isso vai ocorrer sempre às terças, às 14h. O “Cinema com pipoca”, com a exibição de filmes, ocorrerá quinzenalmente. E quero muito fazer um encontro de avós e netos para narração de histórias.

ANEXO C – UM REFÚGIO EM MEIO A LIVROS

Um refúgio em meio a livros: A Biblioteca Pública de São José dos Pinhais completa 70 anos e é apontada pelos frequentadores como um espaço onde é possível ler em meio aos ruídos do mundo moderno

Disponível em:

<http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?id=1066259>

João Fernandes/Divulgação



Cerca de 1,5 mil livros são emprestados por mês na Biblioteca Pública Municipal de São José dos Pinhais

Um refúgio em meio a livros

A Biblioteca Pública de São José dos Pinhais completa 70 anos e é apontada pelos frequentadores como um espaço onde é possível ler em meio aos ruídos do mundo moderno

Publicado em 10/11/2010 | MARCIO RENATO DOS SANTOS

Bem no centro de São José dos Pinhais, cidade da região metropolitana de Curitiba, existe uma espécie de “ilha de silêncio”. Trata-se de um prédio de 515 metros quadrados, situado na Praça 8 de Janeiro, em frente à Igreja Matriz. Lá, o paraibano radicado na capital paranaense Abraão Gomes Portela, de 29 anos, encontra um refúgio entre às 11h15 e 11h45, de segunda à sexta-feira.

Portela é bacharel em Direito, trabalha na prefeitura da cidade e, nos 30 minutos de folga, estuda para um concurso público. “Aqui existe silêncio e oportunidade para estudar e mesmo ler aleatoriamente alguns livros”, diz Portela.

O local, que o funcionário público e outras 400 pessoas frequentam diariamente, é a Biblioteca Municipal Scharffenberg de Quadros, que hoje completa 70 anos. Dois eventos marcam a data. A poeta Roza de Oliveira participa de um bate-papo com a comunidade, às 15 horas, no Museu Municipal. E às 19h30, na Câmara Municipal, serão conhecidos os vencedores do Prêmio Linguagens Culturais.

A Biblioteca de São José, com o seu acervo de 75 mil volumes, é frequentada por aqueles, como Portela, citado no início da reportagem, que buscam um local apropriado para a leitura.

Na manhã de ontem, quando a reportagem da Gazeta do Povo visitou a Biblioteca, Julia Rose, 7 anos, e Paulo Henrique Ribeiro Santiago, 9, manuseavam livros e gibis em uma das salas de recreação. Os irmãos estudam à tarde e, no período de folga, costumam se entreter com conteúdos educativos no espaço público. “Eles não são exceção. Há muitas crianças que passam horas aqui, lendo ou brincando, por exemplo, com fantoches”, diz o bibliotecário Vitor Magliocco do Carmo.

A chefe da Biblioteca, Luciméri Pauletto Nogueira, comenta que há dezenas de adultos que frequentam o local para ler jornais e revistas. Jovens e idosos, conta Luciméri, também acompanham contações de histórias e outros projetos de fomento à cultura.

Thais Midorikawa, 17 anos, passa mais de oito horas de seu dia dentro do prédio onde, no passado, já funcionaram um colégio, o Fórum e a Câmara Municipal da cidade. Ela estuda nas dependências da Biblioteca, das 9 horas às 17h30, porque deseja passar no vestibular do curso de Engenharia de Bioprocessos.

Quando está cansada das apostilas, Thais percorre os corredores, sobretudo os do segundo andar, e pega livros de poesia. “Relaxo lendo Manuel Bandeira e Olavo Bilac”, diz. Nos fins de semana, quando a Biblioteca está fechada, a estudante faz algo “diferente” em casa: lê a prosa de Julio Verne. “Mas prefiro o silêncio desse espaço público, que também considero a minha casa”, finaliza Thais.

Serviço:

70 anos da Biblioteca Pública Municipal Scharffenberg de Quadros (Pça 8 de Janeiro, 120), São José dos Pinhais. Segunda à sexta-feira, das 9 às 18 horas. Fechada nos sábados e domingos. Programação comemorativa: hoje, Café com Poesia, com Roza de Oliveira, no Museu Municipal Atílio Rocco (R. XV de

Novembro, 1.660), às 15 horas. Às 19h30, entrega do Prêmio de Linguagens Culturais, na Câmara Municipal (R. Veríssimo Marques, 699). Mais informações (41) 3381-5845.

ANEXO D – BIBLIOTECA, DOCE LAR

Biblioteca, doce lar: em longos estudos, pesquisadores passam dias inteiros na BN e se sentem em casa.

Publicado em 05/08/2009 – Revista de História

Disponível em:

<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/por-dentro-da-biblioteca/biblioteca-doce-lar>

Biblioteca, doce lar: em longos estudos, pesquisadores passam dias inteiros na BN e se sentem em casa

Bernardo Camara

Os sinos das igrejas badalam: são nove horas da manhã. Pontualmente, José Tarcísio de Abreu adentra o paraíso carregando caderno, lápis e borracha. “Aqui é o céu para mim”, afirma o empresário de carreira e pesquisador por opção ao tomar seu assento no salão de leitura da Biblioteca Nacional. Com 72 anos nas costas e “52 de BN”, seus dias na instituição nada têm a ver com passatempo. “Minhas horas mais importantes eu passo na biblioteca. Isso aqui é melhor que minha casa”.

De quinta a sábado, quando troca sua empresa pelos livros, José garante que é o primeiro a pegar o crachá e passar pelas roletas. Às vezes ele leva pequenos quitutes para as moças da recepção, um agrado pela simpatia e pela precisão no horário. “As meninas são pontuais. Nove horas em ponto estão abrindo”, diz, satisfeito.

Apesar dos horários rígidos – ele chega às 9h e parte às 19h, religiosamente –, a pesquisa a que se dedica não tem hora para acabar. Nas últimas cinco décadas, folheou obras filosóficas com o mesmo afincamento com que mergulhou no campo da linguística, seus temas prediletos. “Dá para escrever uns cinco livros com tudo o que já pesquisei”, contabiliza. “Mas faço isso por prazer mesmo”.

Ele não é o único. O jornalista Jorge César Pereira Nunes, de 65 anos, começou a frequentar a biblioteca na década de 1980 com objetivos bem definidos: faria um levantamento sobre a primeira corrida de automóveis no estado do Rio, que aconteceu em São Gonçalo, seu município, no início do século XX. De lá para cá,

ele se aposentou, mas não deixou o trabalho de lado. Tomou gosto pela pesquisa, e há quatro anos não passa um dia sem rodar os corredores da BN.

"Aqui é meu ponto de fuga. Quando não posso vir, me faz falta, pois me sinto muito bem nesse lugar", comenta durante uma pausa na pesquisa sobre a cidade natal. Os funcionários, já acostumados com a assiduidade de Jorge, mexem com ele quando resolve "faltar" ao trabalho. "Eles perguntam do meu ponto", diverte-se.

Sem prazos ou chefes para direcionar seu estudo, o jornalista pretende estendê-lo até que a morte os separe. "O plano de trabalho é meu, ninguém se mete. Estou por conta disso enquanto estiver vivo. E espero não morrer tão cedo". Como fruto do empenho, ele já publicou um livro sobre os prefeitos de São Gonçalo, e todo o material colhido é doado para um grupo de pesquisa da Uerj.

A bibliotecária Sheila da Silva, que trabalha no atendimento do setor de Periódicos, sabe de cor os nomes dos pesquisadores. E diz não ter qualquer trabalho com os que já são "de casa". Salvo alguns casos de apego: "Tem uns que sempre escolhem as mesmas máquinas [de microfilme]. E se alguém pega a máquina 'deles', ficam emburrados", entrega. Mas nada que o tempo não cure. No dia seguinte, já estão de volta selando as pazes. "Tem certos pesquisadores que até avisam quando não vêm, senão ficamos preocupados, achando que aconteceu alguma coisa".

Do outro lado da linha, parentes e amigos de leitores assíduos também se preocupam com o fato de eles ficarem enfiados na biblioteca. "Os amigos acham que eu estou meio maluco", confessa Jorge. Nem por isso eles arredam pé. "Meu filho às vezes pergunta: 'Pai, por que você não sai para viajar um pouco?' E eu digo para ele: 'Vou viajar é para a Biblioteca Nacional'", conta José Tarcísio.

ANEXO E – CARANDIRU, DA EXCLUSÃO PARA A INCLUSÃO SOCIAL

Carandiru, da exclusão para a inclusão social: Biblioteca feita onde existia presídio chega a trinta mil sócios e integra comunidade local.

Disponível em: <http://www.letras.biblioteca.ufrj.br/?p=622>

CARANDIRU, DA EXCLUSÃO PARA A INCLUSÃO SOCIAL

Escrito em: 22 de junho de 2011 Por bibliolettras

Biblioteca feita onde existia presídio chega a trinta mil sócios e integra comunidade local

Construída sobre o local onde existiu o infame presídio do Carandiru, a Biblioteca de São Paulo coleciona muitas histórias de inclusão social. A prisão, também chamada de Casa de Detenção de São Paulo, chegou a abrigar mais de oito mil presos, até ser fechada, em 2002. Inaugurada em fevereiro de 2010, a biblioteca soma hoje 30.600 leitores cativos, sócios de carteirinha.

“Hoje as comunidades das favelas próximas são as nossas maiores frequentadoras”, disse Cauê Madeira, coordenador de projetos da biblioteca. Segundo Cauê, em maio foram emprestados 6.800 livros. A biblioteca recebe 700 pessoas por dia de segunda a sexta, chegando a 2.500 nos fins de semana. O conceito é o chamado “biblioteca viva”, inspirado em experiências chilenas e colombianas. “As regras de silêncio são menos rigorosas e os livros são dispostos como se estivessem em uma megastore, a fim de estimular a curiosidade do leitor”, disse Cauê.

Até ex-detentos estão frequentando o local. “Um deles nos procurou e contou sua história e sobre como estava feliz por ver o local onde ele sofreu como prisioneiro de 1989 a 1995 transformado em um local de cultura e lazer.” O acervo conta com farto material para portadores de deficiências. “O leitor de destaque do mês de maio é um cego que retirou 22 audiolivros”, ressaltou o coordenador.

Muitas pessoas vão ao local para usar a internet gratuita, e os mais jovens para jogar games em rede. A estratégia para torná-los leitores de livros, segundo Cauê, é atraí-los usando a própria web. “Criamos blogs onde interagimos diretamente com a comunidade, e o retorno é tremendo.”

Os estudantes Ednaldo Lima, de 14 anos, Paulo Henrique e Jonas Gabriel, de 11 anos, são exemplos. “Vínhamos para jogar games, mas hoje lemos livros também”,

disse Ednaldo, que gosta das histórias do bruxo Harry Potter, um dos livros mais emprestados do acervo. Vitória Regina, de 10 anos, já deixou os games e prefere assistir a filmes ou ler quadrinhos. “Meus preferidos são os da Barbie”, disse.

Já Otávio Júnior, de 27 anos, autor do livro “O Livreiro do Alemão”, é um leitor voraz. “Meu livro conta a história de como a paixão pelos livros me tornou um promotor de leitura no Morro do Alemão, no Rio de Janeiro.”

Biblioteca transforma vida de moradora de rua soropositiva

“Aqui voltei a me sentir um ser humano. Me beijaram no rosto pela primeira vez em meses.” O relato, chocante, veio molhado em lágrimas de tristeza, mas também de gratidão. A Biblioteca de São Paulo é muito mais do que um local de lazer e cultura para Rosana Aparecida Gibiluka, de 31 anos.

A vida de Rosana é um rosário de histórias de violência e abandono, ora morando de favor e ora vivendo nas ruas, trabalhando em subempregos ou praticando pequenos delitos. Moradora de rua desde os 9 anos, Rosana é ex-usuária de drogas, soropositiva há três anos e perdeu a guarda da filha de dois anos por viver em um albergue da Prefeitura.

“Depois que eu fui para a rua, perdi muitos valores, inclusive o de ser bem tratada. Aqui me tratam bem, me dão bom dia, falam comigo. Na rua me tratam feito lixo”, contou. Ela conheceu a biblioteca por acaso, em abril de 2010. Sem poder ficar no albergue durante o dia, entrou para conhecer. Resolveu fazer a carteirinha de sócia e começou a ler livros e utilizar a internet.

“Eu era contraventora. Trabalhava como apontadora de jogo do bicho, mas saí desse emprego”, disse Rosana. Desde que frequenta a biblioteca já fez um curso de garçonne e vai começar um de operadora de telemarketing. “Espero arrumar um emprego logo e tomar a guarda da minha filha”, disse.

Rosana é fã de livros espíritas, principalmente os do médium Chico Xavier e já leu ao menos doze nos últimos meses, além de dezenas de outros títulos de categorias diversas. Seu favorito, porém, é a autobiografia de Nelson Mandela, “Longo caminho para a liberdade”. “Me encantei por ele, pelas ideias dele e pela maneira como ele lutou pelo povo”, falou.

“Só estudei até a quarta série. Quero voltar a estudar, crescer. Meu sonho sempre foi fazer direito. Acho uma profissão linda” conta. “E em sonhar de novo a biblioteca tem me ajudado muito.”

ANEXO F – CULTURA ANÔNIMA

Documentário: Cultura Anônima

Tempo: 5 minutos

Publicado em 08/11/2009 – Site: YouTube.

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=XRzjBhl65ts>

Descrição: Documentário que busca mostrar um lado anônimo dos moradores de rua, que buscam informação e cultura nas bibliotecas de São Paulo. Realizado como trabalho de 5º semestre de Rádio e TV (2009) das Faculdades Oswaldo Cruz.

Transcrição - documentário: Cultura Anônima.

Sebastião Nicomedes: São um bando de vagabundos, só sabem pedir.

Mário Alves de Andrade: Eu frequento centro cultural porque gosto muito da leitura, me sinto bem. Trabalho como cozinheiro em uma escola estadual. O cargo esse conseguido no concurso público.

Sebastião Nicomedes: Passam o dia inteiro vagando pelas ruas, não buscam nada. Ficam esperando que a gente ajude.

Valter Machado: Nos últimos anos eu venho pra assistir filmes, que tem filmes gratuitos, e uma atividade interessante, chamada de psicodrama, que me interessa. Fala sobre a realidade humana e dramatização de algumas cenas do cotidiano.

Sebastião Nicomedes: Como uma criatura dessas pode se encaixar na sociedade?

Maria Fernanda: No começou quando eu vi realmente chocou, e me incomodava. Às vezes vez por causa, também do cheiro né, e do barulho coisa que se não está acostumada. Depois eu aprendi a conviver com situação normal, que afinal de contas nós temos um espaço livre.

Sebastião Nicomedes: São analfabetos, sem cultura.

Durvalina Soares Silva: Quando ele procura biblioteca como qualquer outro cidadão para uma atividade de leitura seja vai sentar, ficar lendo um livro ou participar de alguma atividade que a biblioteca esteja oferecendo um programa ação especial, uma contação de história ou mesmo o próprio cinema é pegar uma sessão de cinema. Ele pode como qualquer outra pessoa é essa a nossa orientação, os funcionários agem normalmente com esse morador de rua como com qualquer outro.

Sebastião Nicomedes: Esse não é um personagem qualquer. Essa não é uma história comum. Essa foi a minha vida que sempre ouvi da sociedade. Nos primeiros dias eu subi no viaduto Santa Efigênia pra me jogar, depois eu fui me adaptando. Morador de rua e carroceiros ou não reparava muito com essas pessoas. Eu tinha ideia, por exemplo, que albergue fosse algum asilo para pessoas mais velhas, com deficiência física. Nunca reparei em morador de rua não. Já vi gente querendo me bater. Em grupo já vi cara de carro que às vezes a gente atravessa, e nem sempre a gente atravessa no sinal vermelho, as é eles que estão passando, xingam pra caramba. E acham que gente que mora na rua é mais fácil de bater. Cultura pra minha é o que a gente já trás dentro, poder expressar isso. Fazer carinho de rolimã, pra mim, aquilo era uma forma de arte. Eu voltei a ler na biblioteca da Mooca, a gente ficava sempre eu ficava no parque lá, com bastante gente da rua. E eu notei que alguns entravam e então também entrei, e passei a ler de novo. Quando a gente tá na rua e entra na biblioteca, por algum motivo a gente já se melhora um pouco. Às vezes a gente tem a impressão que tá com a roupa melhor, às vezes nem tá. E um dos poucos momentos em que as coisas são de graça, e ninguém tá pra reparar ninguém. Fica todo mundo à vontade. Eu comecei a escrever na rua assim. E quando entrei no albergue eu tava nossa [...] da esperança no Brás. Tinha feito Festival Caça Talentos, e eu vi ali a oportunidade de colocar uma peça em mente, e então escrevi ela pra participar do festival Caça Talentos. Eu vejo moradores de rua assim com preocupação. Aqueles que têm muita vontade de sair e sei que isso é sincero, e também vejo com muita preocupação a quem já se entregaram, já desistiram, já tão perdendo a identidade humana. Um morador de rua a sociedade exclui, mas ele nunca se excluiu a gente nunca deixou de pertence quer aceitem ou não. Então acho que a sociedade tem que se preocupar em ver com que essas pessoas progridam também, e consigam ter melhoria de vida porque ninguém é obrigado a adotar um morador de rua, mais fazer de alguma forma com que seu próprio trabalho acabe gerando emprego para aquele que tá na rua já é um grande processo.

ANEXO G – MORADOR DE RUA PASSA EM CONCURSO PÚBLICO

Morador de rua passa em concurso público.

Disponível em: <http://globoreporter.globo.com/Globoreporter/0,19125,VGC0-2703-20221-2,00.html>

Morador de rua passa em concurso público

Até que enfim, o primeiro emprego! Trabalho e sa-lá-rio. Já dá para procurar uma casa. E o que mais, Bira?

"Depois que pagar algumas coisas que estou devendo, pretendo comprar uma casinha, fazer uma faculdade", adianta o escrivão Ubirajara Gomes.

Quantos planos... Para ele, tudo é possível. Ubirajara mudou de vida. E como! Aos 27 anos, ele seria um fenômeno?

"Eu me sinto um cidadão", diz Bira. Cidadão. Mas só agora? Por quê? "Quando você está desempregado e não tem casa para morar, não é que você não seja gente, mas você não é tratado como gente. A própria sociedade nos exclui. Agora eles vão ter que me engolir", responde.

Pois é. Quem podia imaginar um morador de rua aprovado em um concurso nacional disputadíssimo? Bira passou no concurso do Banco do Brasil, entre 240 mil candidatos em todo o país. No dia da posse, ele foi destaque na nova turma de Pernambuco. Quem te viu, quem te vê.

"Para mim, eu nasci agora, com 27 anos de idade. Minha vida é de agora em diante", diz Bira.

"Tem gente que estuda anos a fio. Tem gente com diploma. O Ubirajara fez uma façanha. Ele foi o primeiro. Vamos ver se não ocorrem outras histórias de superação, de força de vontade", diz a coordenadora pedagógica para cursos Marcela Alves.

"A prova tinha 150 questões. Eu acertei 116", conta Bira. Resultado: ele foi classificado e está trabalhando em uma agência no Recife mesmo. Quem diria?

"Eu sempre tive fé. Sempre esperei que alguma coisa acontecesse, mas não tudo o que está acontecendo", diz Bira.

Foram 12 anos morando na rua. Mas ele ia para a biblioteca pública todos os dias. Ficava das 9h até as 17h30m.

"Eu ia estudar e ficava tomando cafezinho e água para passar a fome", lembra Bira, que calcula ter ficado cerca de 30 dias sem fazer uma refeição direito. "Passei muita fome. Eu tentava não pensar. Tomava muita água para não desidratar e café. Eu não gostava de pedir porque as pessoas não entendiam, pensavam que eu pedia porque não queria trabalhar. Mas eu não tinha trabalho".

Bira acredita que a perseverança favoreceu a guinada que deu na vida. "Eu era muito teimoso. Disse que seria funcionário público. Não pensava que passaria tão rápido em um concurso público de banco. Foi meu primeiro concurso".

Ele lavava roupa na praça e dormia lá também. "Eu gostava porque era um lugar calmo e seguro. O banco era a minha cama e o meu armário. Eu deixava minhas roupas e meus livros embaixo dele", aponta Bira, que hoje já pode alugar um quarto. Assim, vai juntando dinheiro do salário.

"Eu via a situação dele. Ele era muito magro. Às vezes, quando nos encontrávamos, eu sempre chamava ele para almoçar. Dava comida e um dinheirinho. Sempre que me via, ele ficava feliz porque sabia que comeria alguma coisa", lembra Carlos Eduardo Monteiro, amigo de Bira.

Quando passou no concurso do banco, ficou um tempo na casa do amigo Carlos Eduardo. Ele também fez concurso para o banco, mas não entrou.

"Estou feliz porque ele vai caminhar com as próprias pernas agora. Não vai mais precisar da ajuda de ninguém, não vai mais passar fome. Os sonhos dele agora vão ser planos, não vão ser mais só sonhos", diz Carlos Eduardo.

"Ele traz uma grande responsabilidade consigo. A vida que ele levou e esse conhecimento que ele traz na bagagem vão incentivar todo o funcionalismo", comenta o gerente-geral do Banco do Brasil de Pernambuco, Ubirajara Cavaleiro.

Ele é uma companhia agradável. A equipe do Globo Repórter seguiu os passos de Bira experimentando a vida nova.

"Andar de ônibus era luxo e diversão. Você se desliga um pouquinho do tempo, das coisas, dos problemas. A paisagem é o mais divertido. De ônibus, você viaja nos dois sentidos. Minha mudança de vida foi uma viagem tão rápida que eu ainda estou meio zozinho. Muitas vezes eu evitei andar muito porque não me alimentava direito. Então, tentava poupar energia", conta Bira. Em compensação, gastava todo tempo que podia lendo onde estivesse.

"Ele me chamava a atenção porque, apesar de ser um aluno de escola pública e não ter um lar, era uma pessoa que se dedicava ao estudo. Ele foi à luta sozinho e

conseguiu vencer fazendo concurso do Banco do Brasil", conta o taxista Laelson Coelho.

"A lembrança que eu tenho dele é de um menino bom, que não bebia, não fumava. Eu tinha tanta pena dele. Só se via ele olhando aqueles livros. Não sei o que ele lia tanto ali", diz a comerciante Maria José da Silva.

"As pessoas criticavam, diziam para eu ir trabalhar, porque eu só sabia estudar e assim ia endoidar", conta Bira.

A equipe do Globo Repórter foi com Bira até a escola onde ele estudava para uma visita afetiva. Uma visita importante: foi a primeira vez que ele voltou à escola depois de ter passado no concurso do Banco do Brasil.

"É muita emoção", ressaltou. Põe emoção nisso. Bira estudou sete anos na escola. Ele ia toda noite. Não falava que morava na rua, nem que já tinha completado o ensino médio. Bira abriu o coração: "Estou com saudade da bagunça dos amigos, das professoras".

Ele voltou a estudar não só por convicção, foi também por necessidade. Ele disse que a escola garantia a única merenda do dia com que podia contar. Mas não deixou de fazer amigos. Por onde ele passa, risos, abraços, elogios.

"Ele sempre demonstrou ser um aluno muito educado e inteligente. Espero que ele continue com esse equilíbrio, essa tranquilidade. Acho que ele vai longe!", diz a professora de história Séfora Freitas.

"O exemplo do Ubirajara não é só para os alunos, é para todo profissional. Em outra escola, citei o exemplo dele para alunos que tinham condição totalmente diferente da dele. Eu disse que eles têm tudo e ainda reclamam", conta a professora Elizama Rosa dos Santos.

"Estudem porque os concursos públicos estão cada vez mais concorridos. Eu fazia 20 questões de português, 20 de física, 10 de matemática. Eu misturava tudinho, fazia uma salada de frutas", conta Bira.

Lições de Bira: "Eu sempre gostei de ler, desde criança. Eu queria uma coisa melhor. E se eu queria uma coisa melhor, tinha que estudar. Você tem que brincar. Sempre fui sonhador. Então, acreditava nos meus sonhos. Não achava que seria longe demais para mim. Ainda não cheguei onde queria. Quero fazer uma faculdade, ter uma família, montar meu negócio. Quero um diploma de administração, ciências contábeis ou economia. Qualquer coisa nessa área está bom para mim. Gostaria de transmitir que nada está perdido. Lute pelo que você acredita que um dia você chega lá. Demora, mas chega".

E chegou a hora para Bira: aprovado, aclamado, primeiro emprego.

"O crachá não pesa. Ao contrário, tenho muito orgulho de usá-lo", comemora Bira.